

Adenáuer Novaes



conhecendo
o espiritismo

Um curso básico





Conhecendo o Espiritismo
Um Curso Básico

2ª Edição
Do 4º ao 6º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação e Marketing
Direção de Arte: Escobar
Revisão: Marcos Edilton Cintra

Copyright ©1998 by
Fundação Lar Harmonia
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020

atendimento@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
fone-fax: (071) 286-7796

Impresso no Brasil

ISBN: 85-86492-04-3

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção das
obras da Fundação Lar Harmonia.

Adenáuer Novaes

Conhecendo o Espiritismo
um curso básico



FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ/MF 00.405.171/0001-09
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2003

Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz de
Conhecendo o Espiritismo – um curso básico
Salvador: Fundação Lar Harmonia, 05/2003
130p.

1. Espiritismo. I. Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz
de, 1955. – II. Título.

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo	133.9
----------------	-------

“O Espiritismo anda no ar.” Allan Kardec

A

Allan Kardec, mestre nas artes do espírito, antropólogo da alma e amante da verdade.

Às

crianças da Fundação Lar Harmonia, motivo deste trabalho.

Índice

Conhecendo o Espiritismo	9
O que é o Espiritismo	14
Deus	21
Espíritos	26
Evolução	32
Libertação do Espírito	37
Reencarnação e ciência	43
Reencarnação como processo educativo	51
Reencarnação: planejamento e processamento	55
Vida espiritual	59
Mediunidade	63
Médiuns	69
Obsessão	74
Desobsessão	78
As leis de Deus	83
Trabalho e Progresso	87
Liberdade e Igualdade na Sociedade	92
Natureza, conservação e destruição – Ecologia	96
Família	100
Energia sexual	104
Uma sociedade espírita e uma instituição espírita	109
Glossário	114
Bibliografia	118

Conhecendo o Espiritismo

Este trabalho contém assuntos introdutórios ao conhecimento do Espiritismo e é dirigido àqueles que desejam iniciar-se em seu estudo, como também em sua prática pessoal de viver. Diferente das obras clássicas, pela linguagem simples e direta, sem pretensões maiores, salvo a de levar o leitor à compreensão dos princípios básicos do saber espírita, propõe-se também a permitir uma visão funcional e utilitária de seus princípios.

A busca de um conhecimento mais abrangente e profundo deve o leitor dedicar-se ao estudo das obras de Allan Kardec, principalmente *O Livro dos Espíritos*, cuja leitura torna-se imprescindível para o real conhecimento do Espiritismo. Relacionamos ao final uma bibliografia para cada um dos capítulos a fim de possibilitar ao leitor a complementação do estudo do Espiritismo.

Por muito tempo preocuparam-se os pioneiros do Espiritismo em provar suas teses com argumentos irretorquíveis, lógicos e coerentes, colocando-o, com sucesso, no rol das ciências da alma. Hoje, com sua compreensão popular, alcançando elevada aceitação, exige-se um novo passo na direção de alicerçar-se a prática e a vivência daqueles postulados teóricos, sem que se abandone a demonstração da coerência de seus princípios básicos. Com isso quero dizer que os princípios espíritas devem levar seu praticante a resultados práticos imediatos. Ser espírita deve

proporcionar ao indivíduo um estado de compreensão da vida que o torne relativamente feliz consigo mesmo e com seu semelhante.

O desenvolvimento da Psicologia, os novos entendimentos sobre o comportamento humano e as incursões científicas no aspecto espiritual da Vida requerem estudos mais profundos sobre as interações entre os campos espiritual e social. Coerente com o conhecimento espírita, que amplia a visão estreita do corpo físico e de seu meio ambiente, estimulada por muitos séculos de obscurantismo, faz-se necessária uma nova postura diante dessa percepção cosmológica da vida. O Espiritismo possibilita um novo olhar do ser humano a respeito dele mesmo e sobre a realidade à sua volta. Não se deve pensar que seus limites e possibilidades estão estabelecidos pela simples aceitação de seus princípios. Enquanto são divulgadas suas verdades, deve-se investir em suas implicações práticas na vida material.

Estamos longe de alcançar a verdade sobre as coisas e penetrar-lhes a essência divina, portanto não chegamos ao limite do saber. Portanto, não podemos nos contentar em ficar repetindo conceitos, os quais, face à própria evolução, necessitam de detalhamento e desenvolvimento adequados. O Espiritismo é uma doutrina evolutiva, a qual se desenvolve com a própria humanidade. É um saber que se consolida na medida que surgem novas capacidades humanas, e estas se têm ampliado pela força das coisas, isto é, pela própria evolução natural, bem como pelo desenvolvimento moral e intelectual humanos. É chegado o momento de nos ocuparmos em detalhar aqueles princípios, isto é, em buscar estratégias para pô-los em prática na vida material.

Os séculos de cristianismo foram importantes para alicerçar na humanidade conceitos de moral e princípios de convivência social que creditaram valores fundamentais para que o ser humano entrasse em contato com o espiritual. A tarefa agora é preparar a constituição dos princípios de convivência que levem em consideração a natureza espiritual do ser humano e da própria

sociedade. Princípios como a imortalidade da alma e a evolução espiritual, que antes eram entendidos como tendo alcance exclusivamente após a morte, passam a ter importância para o momento em que se vive. É-se imortal agora, e não apenas depois da morte. É um estado que deve ser conscientizado nos atos presentes, para o momento presente, e não apenas para o futuro. A existência de Deus, antes um corolário religioso, passa a significar, além de importante âncora psíquica para o permanente diálogo interno, a necessidade de compreensão de um objetivo maior de trabalho em favor da Vida e do Universo.

Enquanto as ciências humanas estudam a personalidade, considerando-a na sua integridade encarnada, o Espiritismo o faz na sua inteireza espiritual, que compreende aquela, fornecendo subsídios à vivência no corpo e à compreensão do sentido da existência.

Não é demais recapitular os primórdios do Espiritismo e como ele surgiu do ponto de vista doutrinário e histórico. Sua trajetória, enquanto saber, inscreve-se numa época de intensas descobertas e de percepções revolucionárias que marcaram as ciências e as gerações futuras. O momento histórico de seu surgimento tornou-o uma ciência de observação, uma filosofia de consequências práticas e, sobretudo, um paradigma cognitivo que modificou a visão do ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo.

A fé, tão importante para a compreensão dos princípios divinos, premiada pela coerência da razão, recebe agora o contributo do sentimento. No Espiritismo, a fé, além de ser raciocinada deve ser sentida, introjetada nas raízes emocionais do ser humano. Vivemos sob o primado do Espírito que se ergue em mais um pilar, o do sentimento, que o eleva para além das exigências do racionalismo contemporâneo. A fé cega, da era medieval, deu lugar à fé raciocinada no período racionalista, que é sucedida agora pela fé vinculada às emoções superiores do Espírito.

Distanciar o ser humano de suas raízes significa estagnação

e acomodamento. O crescimento na direção da percepção do Espírito é possível graças à integração de elementos transcendentes e vinculados ao amor e a uma prática de vida que possa tornar o ser humano feliz. Os conhecimentos básicos espíritas devem levar aos princípios gerais de felicidade, no que diz respeito ao aperfeiçoamento físico, intelectual, social, emocional e espiritual. Se eles se encontram distantes, sem uma ligação imediata (nem imediatista), é porque satisfazem apenas às exigências do intelecto.

Lembrando a trajetória do Cristo, na defesa intransigente de suas idéias, impondo-se pela sua própria natureza transcendente, afirmamos que o Espiritismo se impõe pela *força das coisas* e da evolução da humanidade. No desenvolvimento de suas fases, pode-se notar a existência de processos, sendo o primeiro, o de consolidar seus princípios doutrinários, delinear seus pontos principais, estabelecer sua base teórica e buscar comprovação experimental. Essa fase, embora concluída por Allan Kardec nos seus poucos anos de profícuo trabalho em consolidar o Espiritismo, ainda necessita de constante atenção e continuidade. Outros processos, no entanto, requerem a mesma atenção e determinação por parte dos espíritos e dos espíritas. Refiro-me em particular, ao trabalho de verificação da eficácia na aplicação dos princípios espíritas na vida dos próprios espíritas.

Os objetivos do Espiritismo visam alcançar a transformação social, mas passam pelo estado de felicidade que deve ser conseguido naquele que vive segundo seus princípios. Se eles servem para o todo, necessariamente devem servir para a parte. O espírita deve ser alguém, não só muito consciente e adaptado às adversidades da vida, inclusive superando-as, como também um modelo vivo da eficácia de sua crença. Dizer-se espírita não basta, necessário é tornar-se espírita, o que lhe exigirá a conscientização e internalização daqueles princípios e não apenas o conhecimento deles.

É preciso estar atento ao processo pessoal, isto é, ao que

ocorre consigo próprio, enquanto se proponha o espírita a divulgar o Espiritismo, ou a praticá-lo de qualquer forma. Para evoluir, não basta cumprir uma missão no campo da prática espírita. É preciso crescer como indivíduo nas dimensões: familiar, intelectual, emocional, sexual, filial, paternal ou maternal, profissional, afetiva, relacional, religiosa, política, etc. Por esses motivos optamos em publicar esse trabalho a fim de orientar o leitor quanto ao estudo da Doutrina Espírita.

Durante muitos anos, realizamos um Curso Básico de Espiritismo, o qual se espalhou por várias instituições do Movimento Espírita da Bahia, em que utilizamos um programa de estudos sintetizado neste trabalho. Para chegar a essa síntese contei com a ajuda dos amigos Élzio, Hugo, Vasco, Sílsen, Ray e Ana Dórea, aos quais agradeço sinceramente pela ajuda providencial.

1. O que é o Espiritismo

O Espiritismo é uma doutrina que trata da origem e natureza dos espíritos e de suas relações com o mundo material. Seu foco básico é a natureza espiritual do ser humano. É um conhecimento a respeito do Espírito, e que parte da essência espiritual para explicar a existência material. O Espiritismo foi sistematizado a partir de 18 de abril de 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, numa época de grandes transformações sociais, filosóficas e políticas. Desenvolveu-se em paralelo ao surgimento das ciências, e em meio aos novos estudos da mente, que despontavam à época, em decorrência do desenvolvimento do magnetismo, do hipnotismo e do próprio Espiritismo que se estudava antes da publicação do livro. É naquela época que os estudos sobre o inconsciente florescem.

O século XIX foi pródigo em grandes descobertas e no surgimento de novas idéias para a humanidade nos mais diversos campos da ciência, da filosofia, da moral e das artes. Trouxe ao ser humano conhecimentos significativos acerca de sua origem, de sua constituição e do funcionamento de seu corpo. Muitas das realizações do século XX se deveram ao surgimento de idéias e ao trabalho desenvolvido no século anterior.

À época do surgimento do Espiritismo, meados do século XIX, o mundo vivia sob a onda renovadora, embora ainda incipiente, do Positivismo, do Socialismo Científico e do Marxis-

ta, das idéias revolucionárias do Evolucionismo de Darwin, Russel e Lamarck, bem como do ambiente pós-revolucionário da revolução francesa e das idéias dos enciclopedistas franceses. O Positivismo, apoiando-se na técnica e na industrialização, opunha-se ao Racionalismo e à crença dogmática, em que se baseava a religião tradicional, predominante à época. Nascido em pleno florescimento das ciências experimentais, o que significava uma contraposição ao tradicionalismo religioso que se opunha a qualquer manifestação científica fora de seus cânones.

O Socialismo Marxista, cuja origem acontece com o lançamento do Manifesto Comunista, em 1848, em Bruxelas, por Marx e seu amigo Engels, trazia idéias materialistas que, de um lado, aproximavam-se das lutas pelas liberdades dos trabalhadores, do outro, distanciavam-se do conceito de religião dogmática, declarando-a, com certa razão, “*ópio do povo*”. Procurando explicar a história universal como oriunda da luta de classes, permitia que se visualizasse uma origem da humanidade cada vez mais distanciada da estabelecida pela interpretação religiosa do Gênesis da Bíblia.

O Evolucionismo de Charles Darwin surgiu a partir de idéias que floresciam desde o século XVIII sobre a evolução, segundo as quais as espécies animais formam uma escala contínua e não teriam sido criadas ao mesmo tempo. Darwin notou que, entre as espécies extintas e as atuais, existiam traços comuns, embora bastante diferenciados. Tais observações levaram-no a supor que os seres vivos não eram imutáveis, mas, que, embora resultantes de espécies distintas, descendiam uns dos outros, segundo uma complexidade crescente. A partir desse princípio, caía por terra a idéia religiosa, já ultrapassada pelas observações arqueológicas, de que o ser humano surgira de Adão e Eva.

Essas idéias, embora ainda embrionárias, cada uma de forma específica, contribuíram para a formação de um alicerce teórico na implantação de uma doutrina fundamentada em fatos explicados à luz da razão. Consolidava-se cada vez mais o terreno

para o surgimento das idéias espíritas. A fé cega e dogmática estava sendo minada por aquelas teorias, dando lugar a uma explicação racional dos fenômenos tidos, até então, como sobrenaturais.

A humanidade, que vivera sob o obscurantismo medieval, que perdurara até o século XVIII, alcançou, no século XIX, sua maioria. A religião dogmática cedia lugar ao conhecimento firmado na razão e nas ciências para o entendimento do espiritual sem limites estabelecidos.

À mesma época do lançamento do manifesto comunista e da efervescência das idéias positivistas e evolucionistas, os espíritos intensificaram suas manifestações. Na cidade de Hydesville, no Estado de New York, nos Estados Unidos, um espírito que se denominou Charles Rosma, consegue, através de batidas nas paredes, comunicar-se com duas garotas, as irmãs Fox, assombrando o mundo com a clareza de seu depoimento, dando provas da continuidade da vida após a morte. A essa altura os espíritos, que assim se denominaram, utilizando-se de mesas e outros objetos, manifestavam-se também nos salões parisienses através de fenômenos conhecidos com o nome de Mesas Girantes.

Nessa época, as experiências com magnetização eram comuns e atraíam o interesse dos cientistas, principalmente em Paris. Dentre eles um professor, cuja experiência em educação foi adquirida com Pestalozzi. Seu nome era Hippolyte Léon Denizard Rivail, cognominado Allan Kardec, nascido a 3 de outubro de 1804, em Lion, França, filho de um juiz de direito, estudou em Yverdoon, na Suíça e seguiu, quando de seu retorno à França, a carreira do magistério, divulgando o método de Pestalozzi, seu educador, com quem colaborou. Fundou e dirigiu uma escola e dedicou-se à tradução de obras do alemão e do inglês. Escreveu seu primeiro livro, aos 19 anos, sobre aritmética e, mais tarde, outro sobre gramática francesa. Dedicou parte de seu tempo ao estudo e à prática do magnetismo. Casou-se aos 27 anos com a escritora e professora Amélie-Gabrielle Boudet, sua colaborado-

ra na escola. Em fins de 1854, o Sr. Fortier, magnetizador com quem Rivail mantinha relações, falou-lhe a respeito das mesas que giravam e “falavam”. Em 1855 foi convidado a assistir as reuniões onde ocorriam os fenômenos das mesas girantes. Em princípio, ao presenciar os fenômenos, duvidou de suas causas, mas os fatos observados, a partir de então, o fizeram perceber que algo sério estava por detrás daqueles fenômenos.

Após sistemáticas observações, e a partir de diferentes informações, vindas dos mais diversos grupos experimentais, fez estudos e levantou questões àqueles que se declararam espíritos, responsáveis pela produção dos fenômenos.

Publicou o resultado de suas pesquisas em “*O Livro dos Espíritos*”, sob o pseudônimo de Allan Kardec, com o intuito de não confundir a origem do trabalho. O professor Rivail, que já publicara outros livros, assinou Allan Kardec abdicando não só da autoria dos ensinamentos como também propiciou o início de um novo ciclo de atividades.

Os livros escritos sob o pseudônimo de Allan Kardec foram resultantes de exaustivas pesquisas e experimentos diversos, visando à universalidade do ensino dos espíritos, evitando-se comunicações oriundas de um único médium e de um único espírito.

O Livro dos Espíritos foi, dentre os livros espíritas editados, o primeiro cujo conteúdo trouxe a síntese do conhecimento espírita. É a obra básica do Espiritismo contendo os princípios de uma filosofia espiritualista, sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os encarnados, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o futuro da Humanidade – segundo os ensinamentos dados por diversos espíritos com o concurso de vários médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec. Não é obra de um ser humano, mas de vários espíritos desencarnados que inauguraram uma nova era na humanidade, a Era do Espírito.

Em 1861, Allan Kardec publicou *O Livro dos Médiuns* contendo a parte experimental do Espiritismo. É um guia para os

médiuns e evocadores e contém o ensino especial dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo. O livro constituiu-se no seguimento e ampliação das idéias contidas em *O Livro dos Espíritos*.

Em 1864, Allan Kardec publicou *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com a explicação das máximas morais do Cristo de acordo com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Nesse trabalho ele reuniu os artigos do Evangelho cristão que podem compor um código de moral universal, sem distinção de culto. É a parte moral do ensino dos espíritos.

Em 1865, Allan Kardec publicou *O Céu e o Inferno*, no qual faz uma análise da Justiça Divina segundo o Espiritismo. Ele faz um exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os “anjos” e “demônios”, sobre as penas, etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real dos espíritos durante e depois da morte.

Em 1868, Allan Kardec publicou *A Gênese*, que explica os milagres e as predições de Jesus segundo o Espiritismo. Traz uma análise, à luz da ciência da época, das origens do Universo e da Terra.

Embora tenha publicado outras obras (O que é o Espiritismo, Revista Espírita, etc.), aquelas são as principais e se constituem no ABC do Espiritismo.

São princípios básicos do Espiritismo:

1. A existência de Deus como Causa Primeira de todas as coisas, único e imaterial, sem a visão antropomórfica característica das religiões dogmáticas;
2. A existência dos espíritos como seres imateriais, imortais e que conservam a individualidade após a morte do corpo físico;
3. A evolução dos espíritos, sem cessar, na direção da perfeição divina, único determinismo na vida;

4. A reencarnação como mecanismo fundamental para a evolução dos espíritos, em cujo processo se revela a Justiça Divina, que os educa para a compreensão das Leis de Deus;

5. A mediunidade como meio natural de comunicação entre os espíritos e como faculdade natural, inerente a todos os seres humanos;

6. A moral cristã como código de ética espírita, sobre a qual se apoia a conduta do verdadeiro espírita;

7. A pluralidade dos mundos habitados e não apenas a Terra, isto é, o universo infinito é plenamente ocupado.

O Espiritismo penetra em quesitos fundamentais do conhecimento humano. Aborda questões morais, filosóficas, científicas e religiosas, daí porque se dizer que é ciência, filosofia e religião. É Ciência porque, tendo método e objeto próprio, utiliza-se da observação e experimentação na busca de seu próprio desenvolvimento. É Filosofia porque responde as questões básicas do saber humano. Estuda as origens do ser humano, de onde ele surgiu, para onde vai e quem é ele. É Religião, mesmo sem ter sacerdócio organizado, cultos ou rituais, por que busca integrar o ser humano a Deus.

O Espiritismo é então o ponto de encontro desses conhecimentos. É a chave e o código que introduz o ser humano na compreensão de sua verdadeira natureza.

O Espiritismo difere das doutrinas mediúnicas por utilizar-se do fenômeno como meio de aprendizagem e evolução. A prática da mediunidade não é sua espinha dorsal, mas uma estrada por onde se busca a verdade. Praticar a mediunidade não torna ninguém espírita. Além da aceitação de seus princípios básicos, o espírita se identifica pelos esforços que faz para se melhorar.

O Espiritismo é a síntese do pensamento da humanidade, é fruto do trabalho dos espíritos e progride com a evolução da humanidade. Allan Kardec foi o codificador do Espiritismo. Não é idéia de uma só pessoa nem de um grupo, é mais do que um fenômeno cultural, pois nasce, como todo saber, da evolução da humanidade.

O Espiritismo surge para levar o ser humano à felicidade, por intermédio da sabedoria e do amor, demonstrando-lhe a imortalidade da alma, sua evolução e seu papel na vida. Vem mostrar que o egoísmo e o orgulho são os grandes males da humanidade, que prendem o ser humano ao materialismo, tirando-lhe a esperança no futuro e a alegria em viver.

2. Deus

Deus é a causa primeira de todas as coisas. Tudo o que existe é Sua criação. Não há nada criado fora d'Ele.

O ser humano compreende Deus pelas Suas obras. Deus é também uma necessidade psicológica, pois não é possível estruturar-se como pessoa sem a segurança de Sua existência. Na harmonia e na coerência das obras da Criação é que ele encontra as provas de Sua existência.

A história da humanidade demonstra a percepção evolutiva que o ser humano teve a respeito de Deus. A idéia de Deus nele é-lhe inata. Na primitiva caverna, ele se escondia do trovão considerando-o um deus. Os fenômenos da natureza, cuja explicação faltava-lhe, eram tidos como deuses, ou como suas manifestações de satisfação, ou insatisfação. Quando ele conseguia explicar tais fenômenos, como oriundos de causas naturais, modificava sua interpretação e seu conceito de Deus. Desses fenômenos, ele passou a fabricar imagens e cultuá-las. Das imagens, ele começou a reverenciar pessoas como sendo o próprio Deus. Fez dessa forma com Cristo e com outros mestres que se dedicaram à tarefa de ensinar o que já compreendiam das leis de Deus.

A crença em Deus foi influenciada pelo culto aos antepassados e pela idéia do sobrenatural. A forma como os humanos cultuavam seus “mortos” interfere e sofre interferência em sua crença Nele. As manifestações dos “espíritos da natureza”, isto é, dos

fenômenos climáticos, fizeram parte da estruturação da concepção de Deus.

A maioria das religiões surge por intermédio de revelações mediúnicas ou transcendentais, muitas vezes atribuídas diretamente a Deus, porém, geralmente, trazidas por espíritos que, em se comunicando com os indivíduos através de formas por estes desconhecidas, são tomados como sendo Ele, em face da ignorância e das crendices populares. Pode-se dizer, por esse motivo, que muitas religiões tiveram origens mediúnicas. De alguma forma, a crença na sobrevivência da alma levou o ser humano a construir suas religiões. Como as crenças estão disseminadas na humanidade, o ser humano criou diversas religiões populares de acordo com sua cultura e com as épocas.

Dentre outros fatores, o medo e a curiosidade em desvendar os fenômenos da natureza fizeram com que os seres humanos acreditassem nos deuses e em outras divindades características do momento histórico e da localidade em que viviam.

Houve fases da humanidade em que se viveu a litolatria (culto à pedra, a imagens, ao totemismo), o antropomorfismo (culto ao homem-herói como se fosse Deus, atribuição de características humanas a Deus), o politeísmo (crença em vários deuses, dando surgimento à mitologia), a crença no Deus único (exclusividade de um deus particular e de acordo com suas necessidades), Deus Criador (Deus como gerador do mundo), Deus Pai (Deus como protetor dos humanos), Deus Arquiteto (Deus como construtor do mundo), etc. Cada uma dessas concepções está relacionada com a evolução psíquica da humanidade e com a compreensão do indivíduo de si mesmo. Quanto mais evoluído o espírito, melhor ele compreende Deus.

Contrário a essas fases e independente delas, o ser humano também se aproximou da negação da existência de Deus, afirmando-se materialista. O materialismo é a crença na matéria como origem e fim de tudo que existe. O materialista é alguém que não acredita em nada que dela não se origine. Para ele, não existe rea-

lidade espiritual ou qualquer fenômeno de natureza subjetiva. O materialismo significa a crença em um vazio absoluto após a morte, sendo, por isso uma doutrina *nihilista*, isto é, nada há além do que se detecta pelos sentidos do corpo. Nada existe no corpo a não ser a própria matéria. Não há vida após a morte. A vida material é a única que existe. Para o materialista, viver no corpo é tudo que lhe resta, o que pode levar a uma vida sem uma ética, pois que, não havendo nada além dela, nenhuma consequência terão seus atos. A sociedade se tornaria primitiva e extremamente dilapidadora da individualidade e da moral, levando o ser humano à idade da pedra, na qual vigorava a lei do mais forte e do mais aquinhoado.

Diferente do materialismo, o espiritualismo admite a existência de alguma coisa além da matéria. Há algo que sobrevive à morte do corpo. Esse algo é a alma ou Espírito. O corpo é um instrumento para que o Espírito possa viver no mundo material. O espiritualismo não alcança a vida espiritual tão amiúde como o Espiritismo o faz. É espiritualista quem acredita que além da matéria há algo de transcendente a ela. Ser espiritualista não quer dizer ser espírita. As grandes religiões da humanidade são espiritualistas. Algumas acreditam na pré e pós-existência da alma, outras não. O espiritualismo leva a uma esperança no porvir. O aspecto moral passa a ter importância para a situação do ser após a morte. O espiritualismo supera o materialismo por que aponta para um destino estruturante e esperançoso para o ser humano. Ele assim pode entrever novas possibilidades de alcançar sua felicidade. Não se fixa num fatalismo destrutivo e angustiante.

Ao se questionar sobre Deus, sobre a origem do Universo e sobre a Vida, o ser humano percebeu que Sua existência é necessária, pois que não consegue explicar a origem de tudo que existe sem Ele. Necessariamente ele então buscou uma causa primeira. A essa causa primeira, abstrata em sua essência, ele chamou de Deus. A idéia de Deus é necessária para o humano compreender a sua própria natureza. O ser humano por si só não se auto-explica.

A idéia de Deus é inata na pessoa. É como se Deus pusesse sua “marca” na criatura. Não seria possível ser diferente. Mesmo os que dizem não acreditar em Deus, têm a consciência profunda de Sua existência. A não crença em Deus, muitas vezes, é consequência de um deus antropomórfico que foi “desenhado” pelas religiões dogmáticas. Esse deus está, aos poucos, morrendo, dando lugar ao Deus único, compreendido pela consciência do ser que se percebeu espírito, em processo de evolução.

Como explicar a existência do Universo? Como explicar a harmonia entre as galáxias, estrelas e planetas no infinito? Decerto que não foi obra do ser humano. Há um ser que criou tudo. Se formos buscar aquilo que criou tudo o que existe, chegaremos a um primeiro ser. A esse primeiro ser chamaremos de Deus. Ele poderá ser entendido como o primeiro motor. O motor imóvel, a que se referia Aristóteles.

O conceito de Deus está intimamente ligado aos de Bem e de Mal. Os aspectos morais da crença em Deus surgem desde seus primórdios, quando o ser humano relacionava seus infortúnios e suas alegrias às manifestações “sobrenaturais” da natureza. O medo do castigo, o receio das punições, as recompensas desejadas, foram responsáveis pela introdução daquele aspecto na crença em Deus. O reconhecimento da criação, a percepção da beleza na natureza, a percepção do amor e da harmonia, também contribuíram para acreditar-se em Deus como sendo o Amor, como contraposição ao que se recebia da natureza, considerada agressiva. A *sombra* do ser humano, que significa seu desconhecimento de sua personalidade e a negação do que é considerado mal como inerente a si mesmo, o que, em última análise, é o desconhecimento das Leis de Deus, levou-o a criar o conceito de mal. O mal é apenas ausência do bem. É uma criação abstrata, não tem existência real. É apenas a impossibilidade de enxergar-se o bem. Ambos os conceitos são, provisoriamente, importantes para se encontrar a verdadeira essência das coisas.

Deus criou os seres para evoluírem e alcançarem a perfei-

ção, a qual é o perfeito conhecimento de Suas leis. Quando o ser humano conhecer e praticar as leis de Deus, estará livre da influência do mal. Um dos mecanismos que o ligam ao criador é a oração, ou prece. Com a prece, nascida da essência do coração, ele sintoniza com Ele. A oração é uma forma de se elevar o pensamento e de se conectar ao espiritual. A oração alivia, acalma e cura. Seu poder se estende além da crença, tendo influência no estado físico, psicológico e espiritual de quem a utiliza.

A fé é um elemento importante, porém não essencial, para a compreensão da existência de Deus. O significado de se ter fé, transcende à crença cega em algo dogmaticamente estabelecido. No Espiritismo a fé exige raciocínio, emoção, discernimento e lógica para a consciência da existência de Deus se estabelecer. A fé em Deus significa a compreensão lógica e sentida de Sua existência. No Espiritismo a fé é raciocinada em bases lógicas, claras e emocionais.

A fé e a oração colocam a pessoa em contato com Deus, estabelecendo, de acordo com a forma e o conteúdo, uma relação de submissão ou de identidade. A submissão vem da atitude petitoria e louvatória e a identidade de uma tentativa de identificação com os objetivos divinos.

A idéia de Deus, no Espiritismo, é completamente destituída de antropomorfismo, sendo o Universo consequência de Sua vontade. O Bem é visto como finalidade última, manifestada na harmonia e se apresenta em diferentes níveis de compreensão. O ser humano, o qual em sua essência é o Espírito, juntamente com as Leis universais, é a Criação de Deus.

3. Espíritos

O espírito constitui-se num resultante da evolução do princípio espiritual, ou **Espírito**, após sucessivas existências em contato com a matéria bruta, com organismos vegetais e com a complexidade dos corpos animais. Difere do princípio material não só pela inteligência como também pela capacidade de assimilar as leis de Deus, desenvolvendo-se nelas. **Espírito**, com **E** maiúsculo, aqui é definido como sendo a essência imaterial, inteligente, criado simples e ignorante. Por outro lado, espírito, com **e** minúsculo, é aquele princípio espiritual que já alcançou a condição humana e é dotado de perispírito.

Quando o princípio espiritual atinge a capacidade de utilizar um corpo humano, ele é denominado espírito. Portanto, a origem dos espíritos remonta à criação do princípio espiritual, o qual foi e é gerado por Deus. O surgimento de novos espíritos é consequência natural da evolução do princípio espiritual e se dá constantemente.

O ser humano possui natureza tríplice, sendo ele o encontro do corpo físico, do perispírito e do Espírito. Essa constituição o coloca em condições de viver a vida material e a espiritual simultaneamente. O corpo físico é o veículo de manifestação do espírito na realidade material. O perispírito é um organismo de ligação entre a vibração da matéria e a natureza transcendente do Espírito.

Em que pese a crença na existência dos espíritos ser antiga, a confirmação científica de sua existência é ainda algo posto sob dúvidas, sendo aceita pelas religiões e alguns sistemas filosóficos. Ainda não é do domínio da maioria das ciências, nem mesmo como objeto de estudo.

Mas o fato que mais marcou a história do Espiritismo antes de Allan Kardec, foi o surgimento dos fenômenos de Hydesville, nos Estados Unidos, em março de 1848. Naquele condado do Estado de New York, na casa da família Fox, numa noite de verão, no quarto das filhas do casal, pancadas nas paredes foram ouvidas, parecendo um tipo de comunicação. As meninas Katherine e Margaretta, de nove e doze anos, resolveram solicitar a quem quer que estivesse fazendo aquilo que repetisse as batidas que elas passaram a fazer nos seus dedos. Foram prontamente atendidas. Iniciou-se ali um sistema de comunicação em código entre as meninas, juntamente com seus pais, que a elas se juntaram e o espírito, que se denominou Charles Rosma. Ele disse ter sido vendedor ambulante e que antigos moradores da casa o assassinaram, havia cerca de cinco anos, para roubar-lhe dinheiro. Disse que seu corpo estava sepultado no porão. Tempos depois, tudo foi investigado e constatada a veracidade.

Assim começaram as reuniões espíritas, nas quais, os espíritos, espontaneamente, traziam informações da vida espiritual bem como de suas ações e motivações. Todos os princípios básicos do Espiritismo foram trazidos por intermédio de comunicações obtidas em reuniões em que os espíritos ditavam mensagens para o esclarecimento dos encarnados. As comunicações foram obtidas através de pancadas, de mesas girantes, da escrita com os sem o auxílio direto de médiuns, dentre outros meios.

Os Espíritos foram criados por Deus, que continua criando sem cessar, simples e ignorantes quanto às Suas leis. Essa criação é de toda a eternidade e ocorre em todo o Universo. Os espíritos povoam o cosmo e encarnam em mundos espalhados pelo infinito, os quais estão em diferentes estágios de desenvolvimento so-

cial, moral e tecnológico. Tais mundos são habitados pelos espíritos, que também se encontram nos mais diferentes níveis evolutivos. Os mundos se comunicam à semelhança das cidades de um mesmo país. Os espíritos, de acordo com propósitos superiores, deslocam-se de um mundo a outro a fim de cumprirem aprendizados que os capacitem à perfeição.

Os Espíritos manifestam-se na natureza através do elemento material. Revestem-se de um corpo de matéria sutil para operar no mundo material. Esse corpo chama-se espiritual ou perispírito e é seu veículo de manifestação no mundo físico, sendo-lhe importante no seu processo de evolução. Neste corpo sutil estão gravadas todas as experiências acumuladas pelo Espírito no decorrer de sua evolução.

A manifestação dos espíritos decorre da existência desse perispírito, que lhes permite transitar de um mundo a outro e influenciar a matéria. O perispírito é um organismo semimaterial e se presta à ligação entre a matéria e o Espírito, sendo veículo importante nas manifestações mediúnicas. Por causa de suas propriedades semimateriais é que se processam as comunicações mediúnicas, bem como a gama de fenômenos anímicos denominados paranormais ou parapsicológicos. Sua matéria constitutiva é sutil e impressionável pelo pensamento, não sendo ainda possível detectá-la pelos modernos aparelhos eletrônicos, por mais sofisticados que sejam.

Os órgãos do perispírito são chamados de chakras e correspondem aos plexos do corpo físico. Os chakras são centros de força que comandam as atividades do perispírito e, indiretamente, as do corpo físico. O perispírito se liga ao corpo físico molécula a molécula, enraizando-se na corrente sangüínea e nervosa, participando dessa forma de todas as sensações. O perispírito também possui camadas denominadas de corpos, que se prestam a processos distintos. Há, no perispírito, a parte relativa ao corpo astral da qual se utiliza o espírito quando desencarna; há o corpo vital, que lhe serve de manutenção da atividade vital

do corpo físico; há a parte mental, que lhe comanda os processos ligados à memória e outras atividades psíquicas; há o corpo causal que registra os processos cármicos; o corpo emocional, sede das emoções, etc.

No perispírito ficam gravadas as experiências que o espírito vai tendo durante suas sucessivas existências em corpos físicos. O corpo físico registra a experiência, o perispírito grava e a codifica passando ao Espírito que a assimila de acordo com a lei de Deus que lhe corresponde. Os espíritos moldam o perispírito de acordo com seu pensamento e vontade. No perispírito ficam gravadas as heranças cármicas. Quando o espírito retorna a uma nova existência, essa gravação será responsável pelas alterações no corpo físico, resultando nos processos educativos a que tenha que atravessar.

Os espíritos se organizam no mundo espiritual de acordo com seus níveis evolutivos e por afinidades e propósitos. À medida que evoluem, mudam de situação e se agrupam com aqueles que estão em sua faixa de evolução. Após a morte a evolução continua, não havendo nenhuma espera para julgamentos nem estação de repouso definitivo ou sofrimento eterno. A sociedade dos espíritos evolui, podendo ele viver tanto em diversas regiões do mundo espiritual quanto em outros planetas. O universo é habitável em toda a sua infinita extensão. Quando o espírito já aprendeu o suficiente num mundo, ele passa a um outro que lhe possa mostrar outras leis de Deus que ele ainda não conhece. A evolução nunca cessa.

Os espíritos, vinculados àqueles que ficaram no mundo material, costumam lhes aparecer a fim de provar-lhes a continuidade de sua existência. São comuns as aparições de pessoas recém-falecidas junto a parentes com a finalidade de se despedirem deles. Essas aparições muitas vezes provocam medo e são atribuídas a forças demoníacas. Nada mais são do que testemunhos da continuidade da vida após a morte. A morte do corpo provoca a desencarnação do espírito. Morte e desencarnação se

referem a sujeitos distintos. A morte diz respeito ao corpo físico, e a desencarnação refere-se à saída do espírito. Com a morte, o perispírito se separa do corpo a fim de que o espírito possa viver sua verdadeira vida, a espiritual.

Alguns espíritos, pela sua natureza, não só se apresentam, como também se materializam, tornando-se tangíveis. Utilizando-se dos fluidos (energias) especiais conseguem se mostrar de forma inequívoca, provando sua existência e individualidade.

Através de comunicações faladas, escritas e pela visão de alguns médiuns, trazem mensagens ricas de identificações e de detalhes comprováveis de sua veracidade. Às vezes, produzem escrita direta, sem que para isso haja qualquer interferência de encarnados. Simplesmente uma página, antes em branco e dobrada sob uma peça ou dentro de uma gaveta, aparece escrita.

À época do surgimento do Espiritismo, estavam em moda na Europa as reuniões para se assistir às famosas mesas girantes. Salões ficavam repletos para se levar perguntas às pequenas mesas de três pés, a rodarem sobre o alfabeto para que se anotassem as respostas. Muitas coerentes, outras incompreensíveis, tanto perguntas quanto respostas. Médiuns de efeitos físicos forneciam fluidos necessários para que as mesas fossem manipuladas pelos espíritos desencarnados.

Muitos cientistas e estudiosos de várias áreas se dedicaram a investigar os fenômenos e as teses espíritas com relativo sucesso. Dentre eles Franz Anton Mesmer (1776), com os estudos sobre magnetismo, William Crookes (1872), com seus estudos sobre materializações de espíritos, e Charles Richet (1922), com seu Tratado de Metapsíquica. Outros, não citados, negaram, sem contudo apresentar explicações convincentes, detendo-se apenas na procura de fraudes. A entrada, porém, dos princípios espíritas como objeto de investigação científica, se deu com os trabalhos de Joseph Banks Rhine (1930) da Universidade de Duke, na Carolina do Norte e de Ian Stevenson (1960) da Universidade da Virgínia, ambas dos Estados Unidos. Seus traba-

lhos, de repercussão internacional e de credibilidade reconhecida, dentre outros, prestaram-se à comprovação dos princípios espíritas.

Os espíritos podem ser classificados em níveis distintos de acordo com seus graus de evolução, aperfeiçoamento e com suas características de personalidade. Há aqueles que são sábios e bondosos que se comprazem em fazer o bem, os superiores, os que são amigos, os familiares, os levianos, os pseudo-sábios, como também há os equivocados e infelizes que ainda buscam prejudicar as pessoas. À exceção dos espíritos puros, de alto grau de evolução e que já dispensam o estágio na matéria, todos ainda são imperfeitos.

Os espíritos não são seres à parte na criação divina. Nós todos somos espíritos em processo de evolução, sujeitos às mesmas leis do mundo espiritual. Uns no corpo físico, outros fora dele, todos estamos submetidos às leis de Deus. Os espíritos, fora do corpo físico, constituem-se no nosso futuro após a morte, tanto quanto somos a realidade deles quando retornam. Os espíritos estão longe de serem iguais, diferindo em elevação, de acordo com o grau de perfeição alcançado.

4. Evolução

Deus, de quem se originou o Universo, criou o Espírito e o Fluido Cósmico Universal, do qual se deriva a matéria. A diferenciação do fluido cósmico universal faz aparecer a energia e conseqüentemente a matéria. Nada há fora do universo a não ser Espírito e matéria, nas suas mais variadas manifestações. O ser humano (espírito) é produto dessa criação, que evoluiu desde os primórdios da Terra até alcançar a constituição atual, no sentido físico e psíquico. Ele não é criação instantânea, nem tampouco é produto final dela, representando o grau máximo atual da evolução na Terra.

A origem do universo, com suas galáxias, estrelas, planetas, cometas e satélites, perde-se na eternidade, não sendo possível determinar-lhes a época com precisão. O fato é que foi criado em dado momento por Deus, sendo tempo e espaço conceitos relativos discutíveis. Os estudos atuais a esse respeito revelam que houve uma grande explosão responsável pela expansão do universo, que se iniciou há aproximadamente quinze bilhões de anos. Dessa explosão surgiram conglomerados de estrelas oriundas de nebulosas, cujo resfriamento deu origem aos sistemas planetários. O sistema solar, do qual a Terra faz parte, está imerso na galáxia que tem o nome de Via Láctea. A criação da Terra se deu pelo resfriamento de uma nebulosa, que gerou o sol e os planetas, há aproximadamente quatro bilhões e meio de anos atrás.

A natureza, com toda a sua diversidade e manifestações, é fruto dessa evolução, não sendo concebíveis criações mágicas e extemporâneas. A terra, os mares, os vegetais, os animais, o corpo humano e demais elementos da natureza, são frutos da evolução e do desenvolvimento da Vida na Terra.

Num período apropriado, Deus criou o princípio vital na Terra, e a partir de então se deu a expansão da criação. Essa manifestação da Vida era apenas algo diferenciado da matéria, porém sem consciência dessa diferenciação. Algo como uma espécie de poder vivificador latente à matéria. Esse princípio vital, em contato com a matéria, aos poucos, de acordo com as modificações ambientais que iam transformando a Terra, estruturava-se a caminho de sua própria identidade. As eras geológicas se sucederam e, com elas, a essência de vida, criada por Deus, a partir da conexão do princípio vital com o material, que denominamos de princípio espiritual, foi paulatinamente se desenvolvendo. Esse mesmo princípio, acoplando-se às formas materiais, foi se estruturando, desenvolvendo-se, apreendendo as leis do universo, numa trajetória constante na direção do divino, tornando-se cada vez mais complexo e buscando formas mais aptas ao seu progresso. Passa pelas experiências junto à matéria bruta (princípio material), estagia nas formas transitórias entre o mineral e o vegetal, passa pelas espécies vegetais, apreendendo a sensibilidade e os mecanismos da nutrição, atravessa o reino animal alcançando o ser humano quando, nesse processo contínuo, estrutura a razão ou consciência de si e de Deus.

A extinção de animais em eras remotas e a inexistência de elos perdidos na evolução obedecem aos princípios do desenvolvimento espiritual objetivado pelo Criador da Vida. Cada organismo serve a um propósito. Não havendo mais aquele tipo de organismo é por que outro mais apto atenderá às novas necessidades do ser em evolução, isto é, um organismo mais adequado atenderá a um propósito mais complexo. Caso haja a extinção sem que um propósito tenha sido atingido, o princípio espiritual

irá migrar para um mundo onde possa alcançar aquele conhecimento ainda incompleto.

Dessa forma, os diversos reinos da natureza estão encadeados e consolidados num processo de contínuo aperfeiçoamento material e espiritual. Subjacente ao aperfeiçoamento das formas materiais, isto é, dos organismos, há o desenvolvimento do princípio espiritual que, no estágio humano, é chamado de Espírito.

No reino animal, principalmente no humano, a passagem do princípio espiritual entre formas físicas se dá através da reencarnação. Esse mecanismo consegue explicar a evolução da complexidade do psiquismo humano. A cada nova experiência em contato com um corpo material, o princípio espiritual vai adquirindo outros conhecimentos que o capacitam aos desafios nas diferentes formas, na direção do divino, cujo objetivo é a perfeição. Nessa trajetória o Espírito vai conhecendo e aplicando as leis de Deus, sem o que se torna impossível evoluir.

O processo de aquisição de conhecimentos nas experiências num organismo, que capacita o princípio espiritual a acoplar-se em outros, dá-se através da consolidação de um corpo intermediário entre a matéria e o Espírito. Esse corpo, denominado perispírito, serve como aparelho de registro das experiências adquiridas em fases anteriores. Ele é o veículo de manifestação do princípio espiritual, e, mais tarde, do Espírito, quando fora do corpo material, durante o sono e nos intervalos entre uma existência e outra. Graças a ele, a reencarnação processa-se compatibilizando um estágio evolutivo em outro mais adiantado, isto é, mais apto a um novo aprendizado. Não é possível a um ser que esteja num estágio superior reencarnar em corpo animal mais atrasado, isto é, menos complexo. Um ser humano não reencarna, portanto, num corpo de outro animal.

Tudo se encadeia no universo, da forma mais primitiva, da partícula mais elementar, ao ser mais evoluído. Tudo evolui na natureza, em direção ao amor de Deus. Tudo está interligado e conectado a Ele. A evolução não dá saltos, é infinita e inexorável.

O ser humano, portanto, evoluiu a partir de espécimes inferiores que possibilitaram a aquisição de experiências fundamentais à percepção das leis de Deus. Quando, num planeta, cessa a possibilidade da aquisição de experiências para essa percepção, o espírito passa a reencarnar em mundos mais adiantados, continuando assim sua trajetória evolutiva, até não mais reencarnar. Há uma evolução material, que modela novas formas mais adequadas à aquisição das experiências; e uma evolução espiritual, a qual possibilita ao ser humano alcançar os objetivos divinos.

A evolução tecnológica e científica fez o ser humano fixar-se mais para fora de si mesmo e envolver-se mais com o mundo externo. A evolução espiritual o levará ao encontro consigo mesmo e com Deus. As ciências da alma, em particular a Psicologia, têm se dedicado ao estudo do comportamento humano sem, contudo penetrar em sua natureza espiritual. O ser humano é essencialmente Espírito, mesmo revestido de um corpo material, e transcende às explicações causalistas de seus comportamentos. Sua natureza espiritual o coloca em contato com Deus, independente de suas crenças ou das explicações teológicas das religiões dogmáticas.

A evolução espiritual é a única fatalidade que existe. O Espiritismo reconhece o ser humano como um ser eterno, por conta de sua natureza espiritual, e o coloca como autor de seu destino e co-autor da evolução social. A evolução possibilitará o encontro sublime e misterioso entre o ser humano e Deus, eternamente ansiado por ele e objetivado por Ele. É o encontro místico e transcendente a que se referem os grandes mestres e as religiões, desde as mais primitivas às contemporâneas.

O Espiritismo aponta novos rumos evolutivos, propagando a necessidade do ser humano perceber-se um ser em evolução bem como a entender os diversos níveis em que se encontram seus semelhantes.

Não só afirma a evolução humana como também se coloca como um conhecimento e um saber que admite seu próprio de-

envolvimento ao longo do tempo. Não compactua com dogmas nem argumentos calcados em afirmações sem provas. Suas bases se assentam nas leis da natureza, não havendo princípio, que, se contrariado pelo saber humano, permaneça como corroborado pelo Espiritismo. Sua autoridade está na própria realidade dos fatos e não na autoridade de pessoas ou livros nos quais as opiniões sejam inamovíveis. Não há autoridade maior que aquela aceita pela consciência e confirmada pelos fatos. A evolução, desde muito percebida, representa a certeza de que na natureza tudo ascende na direção da harmonia e do equilíbrio, cujo paradigma maior é o amor.

A evolução humana consiste em adquirir-se o conhecimento das leis de Deus e aplicá-los a serviço da construção da paz e da harmonia. Evoluir é apreender Suas leis para a felicidade própria e a coletiva.

5. Libertação do Espírito

O espírito, mesmo vinculado ao corpo físico, goza de relativa liberdade face às propriedades de seu perispírito. Não só após a morte, mas principalmente durante o sono, o espírito se liberta do corpo. Quando o corpo dorme, mantém-se a ele ligado e se relaciona com outros em idêntica situação ou com aqueles que já retornaram à vida espiritual. Ao despertar ele terá, por intermédio dos sonhos, vaga lembrança do que ocorreu. Há casos em que o espírito se liberta do corpo, no sono ou no estado de vigília, de forma consciente, sendo possível que escolha livremente o que fazer e aonde ir. Esse fenômeno é conhecido com o nome de viagem astral ou desdobramento, onde o espírito guarda nítida e vívida impressão de quase tudo que lhe ocorreu durante aqueles momentos que passou em estado alterado de consciência. A Bíblia está repleta de casos de desdobramentos em que seus protagonistas contaram seus encontros com “anjos” e com “Deus”.

O sonambulismo é um estado parcial de emancipação do espírito, em que, às vezes, ele consegue, utilizando-se de seu próprio corpo, estabelecer relativa comunicação entre a realidade espiritual e a material. Outros estados característicos de emancipação do espírito ocorrem nos casos de catalepsia, morte aparente e nos estados de coma. Nesses estados, os espíritos costumam encontrar-se com outros e registrar as ocorrências que se dão à sua volta. São muito comuns os relatos de pessoas que

permaneceram conscientes quando passaram pelo estado de coma, durante cirurgias em que se submeteram a anestesia geral, ou sofreram violento trauma em que desacordaram, acerca dos acontecimentos que ocorreram à sua volta com médicos e enfermeiros, sem que pudessem fazer alguma coisa em favor de seu próprio restabelecimento.

A saída definitiva do espírito do corpo físico se dá com a morte deste e conseqüente desencarnação daquele. A desencarnação é o fenômeno que liberta o espírito daquilo que foi seu corpo físico, devolvendo-o à sua verdadeira condição. A desencarnação é o mecanismo natural de transferência para outra realidade da Vida.

Todos os espíritos estão sujeitos a ela, bem como ao seu retorno a uma nova experiência na carne, até que, evoluídos, libertem-se definitivamente das encarnações.

Quando a desencarnação ocorre de forma provocada, decorrente da eutanásia, do homicídio ou do suicídio, o espírito se perturba, não só pela maneira violenta, como também em face de seu desconhecimento do significado da vida no corpo e fora dele. Muitas vezes, o espírito permanece vinculado ao corpo, mesmo depois de decorrido algum tempo de morto, face à sua ligação vital com ele. A eutanásia não permite que o espírito, durante aqueles momentos de dor e sofrimento, reflita e se melhore, aproveitando a situação para entender os mecanismos sutis de que se utilizam as leis de Deus para educá-lo, visando seu próprio progresso. Cercear essa possibilidade pode significar adiar a oportunidade de fechar ou refletir sobre um ciclo de provas em curso.

Em geral, o suicida sofre após seu ato, principalmente, tendo em vista a constatação da continuidade da vida. O motivo, isto é, o conflito que o levou a tomar aquela lamentável decisão não cessa após a morte do corpo físico, pois sua personalidade continua intacta e frágil da mesma forma. Via de regra o suicida reencarna para completar o tempo desperdiçado e com seqüelas físicas.

A vida no corpo é uma oportunidade para o espírito educar-se e preparar-se para novas jornadas cada vez menos dolo-

rosas e em mundos mais adiantados, onde terá maiores e melhores oportunidades de crescimento. Nesse sentido, viver é educar-se para morrer, o que o faz retornar ao seu mundo de origem, capacitando-o a novas realizações superiores.

Da mesma forma que a eutanásia e o suicídio, as mortes por assassinatos e pelo aborto também provocam perturbação ao espírito pela sua expulsão não natural do corpo físico. O aborto geralmente provoca consequências psicológicas àqueles que participaram direta e indiretamente no seu processo. A culpa e o remorso são componentes básicos dos sofrimentos de seus causadores. O desrespeito à vida provocará a necessidade de aprender a valorizá-la no futuro, ensejando algum processo educativo.

O Espírito nunca dorme nem cessa sua atividade psíquica. O sono, que é do corpo, não interrompe sua atividade e seu estado consciencial. É durante o sono que o espírito se liberta parcialmente do corpo, comunicando-se com outros espíritos, renovando seus propósitos na existência atual. Nesse contato, ele pode se lembrar tanto de suas vidas passadas como também tem acesso a eventos futuros. Seus sonhos, dessa forma, poderão trazer imagens de eventos que efetivamente ocorreram durante o sono, de experiências que se deram em vidas passadas e fragmentos de outras que ainda irão ocorrer no futuro. Neste último caso, são chamados de sonhos premonitórios. Uma vez liberto das imposições da matéria, o espírito possui mais elementos para antever o futuro. O que ele perceber terá grande probabilidade de ocorrer, não sendo algo absoluto. Isto quer dizer que nem tudo está deterministicamente traçado. Pode o espírito, de acordo com seu grau de evolução, alterar o destino face ao seu livre arbítrio, submetendo-se às naturais consequências da mudança realizada.

É muito comum o espírito familiar já desencarnado aparecer durante o sono a fim de diminuir as saudades de seus entes queridos que permanecem ainda encarnados. Inspiram-lhes novas idéias e os impulsionam a continuarem motivados, bem como a suportarem as provas necessárias ao seu progresso.

Face às propriedades do perispírito e ao grau de adiantamento, o espírito, enquanto encarnado, pode possuir a capacidade de ver além do corpo físico mesmo estando acordado. O corpo não é uma prisão absoluta para o espírito, pois ele também tem parcial lembrança de seu passado e percepção de seu futuro. Pela faculdade conhecida pelo nome de dupla vista, ele percebe os acontecimentos bem como tem intuições quanto ao futuro.

As desencarnações variam de acordo com as necessidades cármicas de cada um, não havendo, portanto, uma igual a outra. Às vezes, elas são precipitadas pelo próprio espírito, não só por suicídio direto como também pelo indireto. Este último se dá quando, pelo gasto de fluido vital, ele abrevia seu tempo de vida. Esse gasto excessivo se verifica quando ele, pela alimentação inadequada, ou através de práticas de vida que consomem muito fluido vital, destrói seu próprio organismo. São suicídios lentos, ocorrendo a desencarnação antes do tempo.

Outras vezes ocorrem desencarnações acidentais por conta de processos em que o espírito se envolve, não previstas para a atual encarnação, mas que se verificam em decorrência de imprudências, imperícias ou negligências.

Quando a pessoa desencarna, geralmente seus parentes da atual encarnação, que já retornaram ao plano espiritual, recebem-na e a amparam, orientando-a para sua nova situação após a morte do corpo físico. Às vezes, são espíritos vinculados ao recém-desencarnado, que ele não conheceu na atual encarnação, mas que lhe foram caros em outras. Em geral, nos momentos que se sucedem à desencarnação, a pessoa entra num estado de perturbação momentânea semelhante a sonolência, recobrando os sentidos após algum tempo, o qual varia de acordo com o grau de evolução do espírito. Quanto mais os familiares que ficaram se lamentarem e se desesperarem pela morte do parente, mais o espírito se perturba, demorando a retornar ao equilíbrio. Às vezes, os espíritos encarregados de auxiliar outros que desencarnam, vêem-se na contingência de provocar uma pequena melhora no doente

para que a família, afastando-se, afrouxe os laços do apego e permita que o indivíduo se separe do corpo sem muito sofrimento.

Algumas desencarnações são programadas a fim de facilitar o processo de crescimento do espírito. Às vezes, é melhor desencarnar o espírito naquele momento, a fim de que ele não se comprometa mais com seu próprio futuro espiritual.

A morte do corpo, com conseqüente mudança de habitat vibratório é um fenômeno inevitável e necessário ao aprimoramento do espírito. Com ela, completa-se um ciclo e inicia-se outro de igual relevância para o desenvolvimento espiritual. A vida se renova sempre a cada etapa. Encontros e desencontros são marcados pelas sucessivas encarnações. Cada espírito terá aquilo que ele mesmo semeou em suas existências corporais.

Viver no corpo torna-se uma necessidade evolutiva face aos desafios da vida após a morte. Vive-se bem após a morte de acordo com o que se fez quando no corpo físico. Vive-se bem no corpo físico de acordo com o que se viveu em vidas passadas. Cuidar bem do corpo é, portanto, importante para se ter uma vida espiritual, como também para novas e posteriores existências na matéria. Embora a vida espiritual seja a vida verdadeira não se pode desprezar a vida terrena como oportunidade de aprendizado das leis de Deus.

Muito mais importante do que ser espírita ou ter esta ou aquela religião é perceber-se um espírito em processo de evolução que, invariavelmente, sai de seu corpo para viver a vida espiritual. A vida espiritual é destino de todos, independentemente de crença ou aceitação de dogmas. Vive-se fora da matéria de acordo com o nível de evolução do espírito, que não se mede pela declaração de princípios de fé, mas pela experiência nas sucessivas existências.

As desencarnações provocadas, seja pelo suicídio, pelo aborto, pela eutanásia ou por negligência do ser humano, acarretam conseqüências aos seus responsáveis diretos e indiretos. Deixam marcas perispirituais que exigem tratamento no mundo espiritual e que poderão repercutir nas existências seguintes, surgindo muitas vezes como “marcas de nascença”.

6. Reencarnação e ciência

Presente nas mais diversas culturas, a reencarnação desafia o tempo, permanecendo viva na mente e nas crenças do ser humano. Desde a mais remota Antiguidade até os nossos dias, ela vem sendo a forma mais completa de explicar os diversos e complexos fenômenos da experiência humana. Sua credibilidade vem de evidências experimentais e de provas sob rigoroso controle científico.

A reencarnação é hoje um fato cientificamente provado, em que pese pouco explorado. Com fortes evidências sob o ponto de vista da ciência, já alcançou a atenção dos institutos de pesquisas das universidades. Não é difícil demonstrar, através de provas científicas, que a Reencarnação é uma lei universal e que a evolução humana se processa através dela.

Reencarnar é retornar a um novo corpo, através de um novo nascimento, via fecundação biológica, da personalidade individualizada do ser humano. Retornar significa voltar com a mesma individualidade anterior. Apesar de mudar-se de nome, de corpo e, às vezes, de cultura, não se passa a ser outro espírito. A personalidade anterior se modificará a partir do nascimento, com um novo ambiente, porém o espírito continuará o mesmo, acrescentando novos conhecimentos. Encontramos como sinônimos de reencarnação o termo palingênese, que significa “nascer de novo” e o termo metempsicose, de origem grega, cujo significado apro-

xima-se do de reencarnação, porém, ao contrário do conceito espírita, o qual só admite o retorno a um corpo humano, também aceita a possibilidade de se regredir às formas animais.

Os mais antigos livros onde encontramos a doutrina da reencarnação são os Vedas, de cuja matriz surgiram grande parte das religiões e sistemas filosóficos da Índia, os quais contêm hinos sagrados, cuja origem remonta muitos anos antes de Cristo. No Egito, as dinastias mais antigas, acreditavam na preexistência da alma, antes do seu nascimento, assim como na sua pós-existência depois da morte e nos muitos nascimentos da alma neste e em outros mundos.

Religiões significativas da Pérsia, principalmente o Zoroastrismo, na sua forma genérica popular e dinâmica, seguiam doutrinas contendo a reencarnação, com a concepção de uma espécie de justiça cósmica, na qual as almas recebiam os seus prêmios ou castigos merecidos nas vidas futuras. Há registros de que da Pérsia, a crença da reencarnação foi levada à Grécia.

A religião ortodoxa Islâmica não aceita nenhuma doutrina de reencarnação. Apesar disso, algumas escolas esotéricas dentro do Islamismo – tais como os Sufis e os Drusos, defendem fortemente a reencarnação. Alguns místicos islâmicos e poetas sufis como Rumi, Hafiz e outros, defendiam abertamente a reencarnação.

De acordo com Flavius Josephus, o 1º historiador judeu do século I d. C., as três escolas antigas de pensamento e prática da religião judaica – os Saduceus, os Fariseus e os Essênios – diferenciavam-se acerca do destino da alma após a morte do corpo. Os Saduceus defendiam que a alma morre juntamente com o corpo. Os Fariseus mantiveram a imortalidade da alma, o renascimento das almas das pessoas boas noutros corpos e o castigo eterno das almas dos mais fracos. Os Essênios aceitavam a imortalidade e rejeitavam a reencarnação. O Velho Testamento contém passagens (Provérbios 8:22-31; Jeremias 1:4-5) nas quais o autor professa que teria existido anteriormente ao nascimento físico, com desta-

que para Malachias (4:2-6) que previu o retorno de Elias à Terra.

No Alasca, entre os índios da tribo Tlingits, é crença geral que os mesmos sinais e cicatrizes podem reaparecer no corpo do renascido. Fato já comprovado cientificamente nas pesquisas de Ian Stevenson. Entre os Esquimós, há inúmeros casos de pessoas que se recordam de suas vidas pregressas. Diversas tribos americanas, dentre elas os Peles-Vermelhas, aceitam a reencarnação. Os Winnibagos crêem na reencarnação. Crença idêntica existe entre os índios Chippeway. Eles estão certos de que, em seus sonhos, podem reviver acontecimentos de encarnações passadas.

A principal corrente do Cristianismo ortodoxo, o Catolicismo, nunca acolheu abertamente a doutrina da reencarnação nas suas crenças, porém pensadores importantes e seitas dinâmicas abraçaram uma ou outra versão da doutrina dos renascimentos terrestres. Um Conselho “ecumênico” importante (o 2º de Constantinopla, em 553 d. C.), de acordo com a crença comum, anatematizou, isto é, condenou todas as concepções da preexistência da alma e do renascimento, que faziam parte das teses de Orígenes (185 – 254 d. C.), excomungado em 232 d. C. por adotar a reencarnação. Um dos expoentes máximos da Igreja, Clemente de Alexandria (preceptor de Orígenes), aceitava a reencarnação e, ainda mais, afirmava que São Paulo também professava tal crença.

Nos Diálogos de Platão - *Fedon*, *Banquete* e *República*, a reencarnação é apresentada como um dos ensinamentos de Sócrates. Em *República*, livro X, há o episódio de Er, filho de Armênio, originário da Panfilia, que, após 12 dias de morte aparente, recupera-se e conta o que viu no mundo dos mortos. Relatou como se dá o retorno das almas para o renascimento.

Anteriormente a Sócrates, pelo menos Pitágoras, Heráclito e Empédocles expressaram explicitamente idéias de reencarnação. Em *Fedro*, Platão atribuiu a Sócrates a doutrina da existência da alma antes de entrar neste mundo, assim como a sua sobrevivência.

A despeito da Filosofia e em pleno século XX, as investigações sobre o tema tomaram novo impulso. Na França, com Albert Des Rochas, na Índia com Hamendras Nat Banerjee, nos Estados Unidos, com Ian Stevenson. Cada um à sua época, desenvolvendo diferentes métodos de pesquisas, a partir de fatos concretos, trouxe nova luz a respeito da reencarnação, principalmente introduzindo-a como objeto de investigação científica.

As pesquisas em torno da reencarnação virificam-se em vários campos; dentre eles, tem-se a Regressão de Memória e as Lembranças Espontâneas na Infância. Entre os estudiosos de regressão de memória destacam-se Albert Des Rochas, Edith Fiore, Denis Kelsey, Morris Netherton, Helen Wambach e Hermínio Miranda. Todos eles desenvolveram experiências em torno da regressão de memória com resultados surpreendentes, que extrapolaram os espaços científicos, penetrando nos consultórios de psicólogos como técnica terapêutica.

Nas pesquisas de Lembranças Espontâneas na Infância, destacam-se os trabalhos de Ian Stevenson, H. N. Banerjee e Hernani G. Andrade. São pesquisas de grande credibilidade pelas características da espontaneidade e da insuspeição em se tratando de crianças. Há milhares de casos catalogados com a confirmação das informações sobre vidas passadas que não se resumem a vagas memórias, mas, sim, a dados precisos, com nomes, datas, locais e detalhes importantes. Em tais pesquisas verificou-se que, o intervalo de tempo entre uma e outra encarnação pode variar de dias a séculos.

A necessidade de se estabelecer um princípio diretor justo e equânime para justificar a sociedade e suas complexas relações, coloca a reencarnação como o mecanismo capaz de favorecer a justiça divina e de possibilitar o crescimento espiritual da sociedade. Nada poderia justificar as contingências do existir com a precisão com que a reencarnação o faz. As dificuldades e conflitos humanos passam pela necessidade de uma justificativa filosófica e até mesmo do ponto de vista do equilíbrio energético. A reencarnação

é a chave para desvendar os mistérios provocados pelo vazio do conhecimento parcial que o ser humano tem sobre si mesmo.

Nem sempre a justiça, ou seja, o processo educativo para resolver problemas de vidas passadas, o qual se torna possível pela via da reencarnação, dá-se imediatamente na encarnação seguinte do espírito. Os mecanismos educativos podem ocorrer na mesma existência, sem a necessidade da reencarnação, como também podem acontecer após várias encarnações. O tempo que leva para que o processo educativo se instale, dependerá da ocorrência de fatores que propiciem o aprendizado do espírito. Às vezes, há a necessidade de se reunir pessoas várias num processo único, o que poderá levar décadas, séculos ou milênios. Deve-se salientar que ninguém, nenhum ser humano, estará isento do processo de educação. A reencarnação é mecanismo obrigatório no nível de evolução em que se encontra a humanidade terrestre. Ninguém está isento dela. Não há privilégios nem privilegiados.

Reencarnar sem a lembrança do passado é o mecanismo que possibilita a convivência de contrários e daqueles que elevaram a paixão ao seu grau máximo. Sem o esquecimento das experiências anteriores não seria proveitosa a reencarnação. Reencarna-se para aprender, para educar-se. Para crescer a partir de novos elementos, de uma nova oportunidade, num novo ambiente, onde se possa construir ou reconstruir seu próprio crescimento. Tal esquecimento não significa a perda do conhecimento adquirido nas existências anteriores. O espírito não involui. Não se perde o que já se sabe. Esquece-se temporariamente o que não é relevante para o crescimento do espírito. As qualidades, os defeitos, as emoções, os amores, os ódios, ficam latentes e participam, de forma subjacente, nas relações do reencarnado, atuando de forma inconsciente. Seus desejos e escolhas são influenciados pelas experiências das encarnações anteriores.

Muitos espíritos que estiveram juntos em encarnações anteriores se separam para se reencontrarem mais adiante. Alguns desafetos quando se vêem se “lembra” do passado. Pode ocor-

rer que a inimizade retorne. Como também os afetos quando se reencontram refazem a mesma ligação que tiveram no passado. O espírito “enxerga” o outro espírito, independente do corpo que têm e do grau de parentesco que possuem. Alguns espíritos não reencarnam na mesma época que seus afetos e ficam a velar por eles para que obtenham sucesso naquela encarnação. Ao libertar-se do corpo, seja durante o sono ou com a morte, o espírito vai aos poucos retomando sua memória integral.

O retorno através da reencarnação se dá para o aprimoramento do espírito. É um processo educativo, e não punitivo. Encarado dessa forma, não há um número definido de encarnações para um espírito. Os processos não se dão de forma linear, isto é, não se passa pelo que se causou a outrem na mesma proporção. As circunstâncias a que um espírito está sujeito numa encarnação expiatória são sempre atenuadas pela Misericórdia Divina. Não se devem interpretar as doenças e outros sofrimentos senão como processos educativos. Errou-se no passado porque não se sabia como agir corretamente. Retorna-se para aprender até não mais se precisar reencarnar. Os equívocos humanos são consequência de sua ignorância.

As idéias inatas, as simpatias e antipatias gratuitas, os gênios, de alguma forma parecem denunciar uma experiência anterior. O conhecimento não se produz de forma mágica. A reencarnação explica tais conhecimentos “inatos”, como oriundos de experiências em existências anteriores. Tudo então é aprendido pelo espírito através das vidas sucessivas. Coisa alguma lhe é “dada” de graça. Se no passado alguém adquiriu uma aptidão qualquer, ela hoje se manifestaria de alguma maneira como uma habilidade natural.

Em muitos casos, os reencarnantes retornam com marcas de nascença. Trazem cicatrizes denunciadoras de experiências pregressas. Marcas que, quando não são creditadas a fatores genéticos, reproduzem-se de uma a outra existência por mecanismos psíquicos. As experiências que produziram as marcas foram de tal forma intensas que gravaram o corpo físico e o perispírito, denunciando a existência de uma matriz comum onde

ficam “guardadas” as impressões do espírito. Essa matriz é o perispírito. Da mesma forma que essas marcas, surgem fobias, traumas, que podem se revelar logo na primeira infância.

O conceito de reencarnação transcende ao aspecto da mera crença que está presente nas mais antigas culturas, tornando-se a base para a compreensão da razão de como vive o ser humano. A reencarnação não foi concebida como uma teoria para explicar a realidade, mas é uma realidade que explica e suscita muitas teorias. As relações humanas são influenciadas pelas emoções geradas nas experiências vividas no passado. Impulsos, estímulos, reações emotivas, atitudes diversas, não são apenas fruto da vontade e do meio ambiente, mas principalmente das experiências pregressas que estão gravadas no psiquismo, o qual não morre.

A personalidade integral, a qual sobrevive à morte, já possui experiências diversas em matéria de profissões, de línguas aprendidas, de tipos de sexo, de classe social, de condição econômica, etc. O fato, por exemplo, de já ter experienciado viver nos dois tipos de sexo, concede ao ser humano habilidades para habitar nesse ou naquele corpo, sem que isso lhe cause qualquer problema quanto à sua relação com o sexo do corpo escolhido. Uma nova encarnação representa a construção de uma nova personalidade no novo meio em que se vai renascer. Os traumas e conflitos, dessa forma, aparecem tendo como uma das causas, talvez a principal, essa realidade interna, anterior, que contrapõe com a nova realidade externa. A solidão e as repetidas e constantes decepções afetivas podem ser encaradas como resultantes de processos educativos, oriundos de experiências mal sucedidas no passado.

O Espiritismo, com Allan Kardec, trouxe de volta a reencarnação como conhecimento fundamental de sua doutrina. Através do Espiritismo a reencarnação é analisada sob o ponto de vista sociológico e moral. A doutrina das vidas sucessivas é o alicerce da evolução. A frase “Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei” resume o significado da reencarnação para o Espiritismo.

7. Reencarnação como processo educativo

A maioria das reencarnações é planejada por espíritos mais evoluídos, os quais se dispõem a promover o aprendizado de outros visando a evolução espiritual. Quando não são eles que o fazem, leis naturais proporcionam os fatores necessários às provas e expiações que o espírito enfrentará em sua nova encarnação.

O objetivo de se planejar a reencarnação é o de possibilitar a cada espírito os meios necessários ao seu adiantamento emocional, intelectual e moral. Às vezes, são necessários muitos anos de espera até que se possam reunir as condições favoráveis e os elementos necessários ao reencontro de antigos desafetos para, juntos, aprenderem as leis de Deus.

Esse planejamento inclui a definição tanto das provas, quanto das expiações que o espírito atravessará. As primeiras são necessárias a todos os espíritos e as segundas são obrigatórias para os que utilizaram seu livre arbítrio em encarnações anteriores e cometeram equívocos diversos.

Pelas lições que o espírito necessita aprender e pelos processos educativos que tem de atravessar, o planejamento definirá as características especiais do corpo que receberá, bem como as circunstâncias sociais em que renascerá; com quem reencontrará e com que ajuda contará nos processos nos quais aprenderá o antes não sabia.

Planejar a encarnação não significa que o espírito estará limitado, nem que o seu destino já esteja traçado de forma irremediável. Seu livre-arbítrio poderá alterar significativamente seu planejamento, o que acarretará conseqüências que venham a fazê-lo progredir mais do que o previsto ou que lhe sejam adversas. O planejamento é uma espécie de guia, roteiro ou lembrete ao reencarnado.

A vida espiritual é a vida verdadeira, porém não se deve desprezar a vida na matéria cuja importância é significativa. Para se viver bem na espiritualidade, deve-se saber viver e conviver bem na vida material. As duas etapas não se opõem, mas complementam-se. A vida espiritual não deve ser encarada como um fim em si, mas como uma realidade semelhante à vida material, na qual o espírito também aprende.

O planejamento reencarnatório obedece a imposições compulsórias referentes ao passado do espírito. Suas atitudes equivocadas em encarnações anteriores poderão limitar suas escolhas e seu livre arbítrio. Nem sempre poderá o espírito escolher livremente com quem vai reencarnar, nem a que família pertencerá, face aos compromissos cármicos a que está sujeito, por conta de seu passado.

Reunir desafetos tem o duplo propósito de não só reconduzir os espíritos a circunstâncias semelhantes às que viveu anteriormente como, graças ao esquecimento do passado, colocá-los frente a frente com sua própria necessidade de evoluir. Juntos irão transformar o ódio em amor. O que se chama vulgarmente de “dívida” e “resgate”, “débitos” e “créditos”, na realidade são *processos educativos*.

Há problemas e conflitos que atravessamos, cujas causas não se localizam em existências passadas, mas, sim, na atual, frutos das contingências da infância e do uso do livre-arbítrio. Esses problemas gerados na atual encarnação não fizeram parte do planejamento reencarnatório, sendo motivo, portanto, de sua alteração.

Ao reencarnar, o espírito traz inconscientemente gravado em seu corpo espiritual, os traumas oriundos das encarnações anteriores, que estarão sempre a influenciar em sua vida atual, até que sejam dissolvidos. Esses núcleos traumáticos deverão ser resolvidos quando o espírito atravessar situações que se assemelhem às daquelas do passado.

Atravessar uma prova ou mesmo submeter-se a uma expiação constitui-se numa oportunidade de aprender uma importante lição, pois, após seu término, o espírito sabe que já não mais precisará viver daquela forma. É esse o sentido que aplicamos à colocação do Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”.

As doenças de nascença são “marcas” referentes aos problemas não resolvidos de outras encarnações e que surgem como sinais da necessidade que tem o espírito de educar-se. As doenças adquiridas no decorrer da encarnação podem revelar conflitos referentes a encarnações passadas ou à presente existência, como também serem decorrentes do desgaste natural do organismo.

Os processos educativos que alcançam um grande contingente de pessoas, atingindo, às vezes, nações inteiras, dizem respeito a provas coletivas cujo planejamento exige uma complexidade maior na preparação. São planejamentos feitos num nível superior aos das encarnações individuais ou de pequenos grupos.

Durante a encarnação, o esquecimento do planejamento não é total, pois o espírito tem lembrança dele quando liberto do corpo durante o sono, através de sonhos, durante meditações, por influências de seus guias espirituais, bem como através de intuições. Essa lembrança nunca é completa face à ansiedade que pode ser gerada.

Várias são as circunstâncias que podem alterar o planejamento reencarnatório, entre elas o suicídio de um dos personagens envolvidos, o estupro que provoca uma reencarnação, certas separações de casais, redução ou aumento voluntário do número de filhos, dentre muitas outras.

O espírito pode também começar a planejar sua próxima encarnação, ainda reencarnado, contribuindo inclusive para reduzir seus problemas futuros, bastando que se determine a iniciar sua transformação interior desde já. Esse movimento, via de regra, inicia-se com as correções de rumo da atual encarnação, fechando alguns ciclos ou processos mal resolvidos, que, se assim permanecerem, atrapalharão o futuro. Após isso deve refletir sobre si mesmo, identificar qualidades e defeitos que sabe que tem e, através de críticas construtivas de amigos, os que desconhece ter.

Esse planejamento prévio inclui refletir sobre: profissão, comportamento emocional, lazer, conhecimento intelectual, habilidades diversas, família, bem como sobre tudo aquilo que implique na adaptação social.

O planejamento reencarnatório não atribui ao espírito responsabilidades que ele não possa suportar. As provas e expiações são formas educativas, não punitivas, aliviadas pela misericórdia divina que, às vezes, proporciona intervalos entre encarnações de maior complexidade, tanto quanto a diluição dos processos, difíceis de serem resolvidos numa vida, em várias etapas.

É característica dos planejamentos reencarnatórios o reencontro de antigos desafetos, assim como o auxílio de espíritos afins para que se alcance sucesso no processo de educação. Portanto, geralmente reencarna numa mesma família, espíritos que são amigos, junto a outros que porventura lhe tenham sido inimigos. Esse equilíbrio favorecerá o crescimento sem que se aumentem as aversões características do nível evolutivo dos espíritos na Terra.

O planejamento das reencarnações favorece a evolução no planeta, constituindo-se num instrumento de melhoria das relações entre as pessoas.

8. Processamento da Reencarnação

O processamento da reencarnação se dá através da fecundação biológica, a qual possibilita a união do espírito ao corpo físico, visando uma nova existência. É um processo natural a que está sujeito o ser humano quando, sob certas condições, encontra-se desencarnado. Dá-se no momento que se segue à união dos gametas para a formação de um novo corpo, a cujo desenvolvimento o espírito reencarnante contribui.

Durante a formação do embrião, nas divisões celulares, o espírito, através de seu perispírito, influencia as modificações a serem feitas no corpo que receberá. Essas modificações alteram o padrão hereditário e visam fazer face às necessidades provacionais e expiatórias do espírito. Alguns espíritos necessitam de alterações cromossômicas significativas tendo em vista eliminar influências genéticas de seus pais que não sejam necessárias. A fecundação biológica e a conseqüente ligação do embrião ao corpo da mãe, predispõem a uma reencarnação, cujo ato fará com que o espírito designado para aquele corpo a ele se ligue. A reencarnação se dá na concepção, não havendo nenhuma prova, por enquanto, da possibilidade fora desse evento.

Essas alterações, necessárias às provas e expiações do espírito, também são, às vezes, dada a sua complexidade, feitas

não só no corpo físico de que ele vai se utilizar, como também em seu perispírito.

Quando não há espírito designado para aquele corpo em formação, a gravidez não vinga, isto é, será um natimorto. Isto se dá como prova para os pais. Embora nem todo corpo em formação na gestação tenha espírito, toda criança que nasce e é declarada viva, o tem.

O espírito que vai reencarnar, muitas vezes se liga ao organismo materno antes da união perispiritual com o óvulo fecundado, o que poderá provocar alterações físicas e comportamentais à futura mãe. Mesmo que ligado à mãe, ainda não está reencarnado, pois a reencarnação só é efetivada quando ele se conecta ao óvulo fecundado. Essa ligação vai se estreitando na medida que se aproxima o nascimento, mas a reencarnação só vai se completar psicologicamente no início da puberdade. O processamento da reencarnação, embora energeticamente concluído, não se completa na fecundação, pois a união total só se dará quando o espírito se assenhorear de seu próprio corpo e de seu destino, fato este que se dá, via de regra, no início da aquisição de responsabilidade e independência psicológica da criança, tanto em relação à última encarnação quanto aos pais.

Outro espírito não poderá ocupar aquele corpo, pois cada um, utiliza-se de um único e vice-versa. Mesmo ligado ao corpo, ainda no útero, pode o espírito desistir da encarnação, o que será uma espécie de suicídio.

Já ligado ao embrião, o espírito goza de menos liberdade, perdendo cada vez mais a consciência na medida em que se aproxima o nascimento. Essa liberdade varia de acordo com o nível evolutivo do espírito, que, quanto mais adiantado, menos sujeito estará às contingências da matéria.

No período em que permanece vinculado ao embrião, a maioria dos espíritos entra num estado de hibernação face à delicada ligação entre seu perispírito e o novo e frágil corpo a que se liga.

Como é um processo que se assemelha à desencarnação, ou talvez mais difícil ainda, o espírito teme pelo possível insucesso diante das provas e expiações que enfrentará. Por isso é comum ele receber ajuda e incentivo de familiares e amigos desencarnados e encarnados, encorajando-o à reencarnação. Às vezes, os mesmos que planejaram através dele renascer, incentivam-no no momento da reencarnação.

As energias decorrentes do desenvolvimento do embrião induzirão ao reencarnante reduzir sua dimensão perispiritual adulta para algo semelhante ao corpo infantil. Seu perispírito irá se modificando gradativamente para adaptar-se à organização fetal e posteriormente ao corpo infantil.

Alguns espíritos prejudicam o processamento de sua reencarnação, por causa de sua densidade perispiritual extremamente desestruturada que, às vezes, por não conseguir fixar-se ao óvulo fecundado, provoca o aborto natural. São reencarnações que, de antemão se sabe, não vingarão e se prestam de um lado a reduzir a densidade perispiritual do reencarnante e de outro, servem de prova para os pais.

Durante a gravidez, o fluxo de pensamentos e emoções entre a mãe e o espírito reencarnante pode provocar alterações de comportamento dela, face à presença de outra personalidade em seu campo mental.

O desenvolvimento físico do novo corpo e sua manutenção ainda no útero materno não se deve à presença do espírito, mas principalmente ao automatismo biológico, bem como ao auxílio do perispírito materno. O fluido vital absorvido pelo embrião será o impulsionador ao seu desenvolvimento.

Durante o processamento da reencarnação, o perispírito sofre alterações para adequar-se ao corpo físico, tanto pela natureza mais densa deste, quanto ao novo meio ambiente a que estará sujeito. As mudanças no corpo espiritual decorrem principalmente face às novas necessidades de alimentação, sexo e atração gravitacional.

Durante o processo reencarnatório, o perispírito vai se enraizando na corrente sangüínea e na rede nervosa do corpo físico, sobretudo no córtex cerebral e demais vias por onde transitam as comunicações entre os dois veículos de manifestação do Espírito.

É na base do cérebro que se situa a principal ligação fluídica entre o corpo e o perispírito, quando o espírito se ausenta durante o sono. Ao deslocar-se do corpo, o espírito a ele se mantém ligado por um laço fluídico, espécie de cordão, que se estende a partir da região cerebral, pouco acima da nuca.

Há reencarnações especiais que requerem o auxílio de espíritos técnicos no assunto, tendo em vista as características especiais das provas e expiações do espírito, bem como face às particularidades do corpo físico do reencarnante. O processo então será mais trabalhoso, exigindo o concurso de numerosos técnicos a fim de se evitar prejuízos aos objetivos. Por outro lado, há encarnações que são realizadas sem qualquer auxílio externo, seja pelo automatismo, seja pelo grau de evolução do espírito, que neste último caso, realiza-a sozinho.

São, portanto, fases características do processo reencarnatório, muito embora possam variar caso a caso, a depender da evolução do reencarnante: levantamento de provas e expiações que serão necessárias, a escolha da família, o meio social, a modelagem do corpo físico, o esquecimento da última encarnação e conseqüente prostração de forças, a redução perispiritual com pensamento fixo no novo corpo em formação, a ligação com o óvulo fecundado, e, durante a infância, a integração ao corpo físico até o final do processo.

Não há uma reencarnação igual a outra, pois para cada espírito há um processo evolutivo particular em curso, exigindo detalhamento e cuidados adequados.

9. Vida Espiritual

A vida espiritual é a vida verdadeira. O mundo espiritual é a morada principal e o local no qual o espírito desempenha suas mais importantes missões e ocupações. Para se entender a vida espiritual é necessária uma compreensão maior a respeito da energia que, no Espiritismo, é conhecida pelo nome de *fluido*. Os fluidos são estados vibracionais sutis da energia que preenche o Universo. Allan Kardec chamou essa energia geral de Fluido Cósmico Universal. A matéria é uma condensação desse fluido e, as várias modalidades de energia conhecidas pelo ser humano, são estados diferentes do mesmo Fluido Cósmico Universal.

Matéria, energia e fluido são diferentes expressões vibratórias da substância ou princípio material, que difere do espiritual pela inteligência presente neste último.

Os fluidos são mais maleáveis ao pensamento do que a matéria e se prestam à realização dos mais diversos fenômenos espirituais pela sua natureza semimaterial. O perispírito, veículo de manifestação do espírito, é constituído de fluidos derivados do Fluido Cósmico Universal. Suas propriedades são a base para a realização dos fenômenos mediúnicos. O perispírito é um corpo complexo constituído de estruturas que se prestam às mais diferentes funções. Na realidade, o que se conhece pelo nome de perispírito é um conjunto de estruturas semelhantes a corpos que se interpenetram e vão se transformando em função de sua utilidade e à medida que o espírito evolui.

É através da manipulação dos fluidos que os espíritos constroem suas moradas e se organizam de acordo com sua evolução espiritual. Cidades, colônias, organizações diversas são construídas pela utilização e manipulação do Fluido Cósmico Universal. Quanto mais evoluído o espírito, mais capacidade o tem de utilizar-se dos diferentes tipos de fluidos. É pelos fluidos e suas modificações que se estruturam as cidades astrais. A alimentação dos espíritos desencarnados se dá através de fluidos próprios que vitalizam o corpo espiritual.

Os espíritos, seres humanos desencarnados, organizam-se de acordo com os níveis de evolução em que se encontram, os quais vão ditar seus interesses após a morte do corpo físico. De acordo com seus estágios evolutivos, buscam reunir-se para ações comuns. Há organizações com interesses diversos no mundo espiritual: escolas, hospitais, locais de repouso, de lazer, de preparação à reencarnação, de desenvolvimento espiritual, etc.

As pessoas que desencarnam doentes e que, continuam nesse estado são abrigadas em instituições onde espíritos, que se organizaram na tarefa do auxílio ao próximo, desenvolvem seus trabalhos de socorro e cura. Há outras que desencarnam em bom estado psíquico e logo se entrosam em grupos afins para continuarem seu crescimento espiritual. Os espíritos se agrupam por afinidades e mútuos interesses.

Evidentemente que espíritos mais atrasados também se agrupam, muitas vezes em situações de sofrimento e dor e noutras com a finalidade de perturbar pessoas e grupos com quem acreditam ter contas a ajustar. Portanto, há regiões onde impera a felicidade sem ociosidade, como também há regiões de sofrimento e dor e outras onde se encontram espíritos nos mais diversos estágios evolutivos. É comum chamar-se de regiões *umbralinas*, ou simplesmente *umbral*, aquelas nas quais estão temporariamente os que sofrem ou cuja conduta moral foi inadequada. Os espíritos bons habitam regiões superiores onde imperam o amor e a paz; os *maus* espíritos, estado transitório, habitam locais mais

próximos da convivência com os encarnados, onde imperam a desordem e a indiferença. Os bons se unem aos bons; os intelectuais aos intelectuais; os ociosos aos ociosos; semelhante atrai semelhante.

Os espíritos que fazem parte de uma mesma família espiritual, pelas afinidades entre eles, têm oportunidade de se reunirem para traçar novos planos de reencontro numa nova encarnação. Os verdadeiros laços de família se fortalecem após a morte.

Alguns, já desencarnados, podem se aproximar e ajudar aqueles que ficaram. Outros não adquirem maturidade suficiente para tal e podem vir a atrapalhar seus entes queridos. Em geral, os espíritos se buscam pelas afinidades e realizam suas tarefas de acordo com suas motivações.

Os espíritos desencarnados continuam seu processo evolutivo independente da vida na Terra. No mundo espiritual, há tantas oportunidades quanto na carne para o desenvolvimento integral. Muitas vezes, os mesmos espíritos que se dedicaram, quando encarnados, à tarefa, por exemplo, de educar, continuam seus investimentos após a morte do corpo.

As cidades astrais proliferam em redor da Terra numa multiplicidade muito grande, de acordo com os interesses de grupos de espíritos afins.

Tanto quanto encarnados, os espíritos trabalham e organizam-se politicamente, buscando a melhor forma de convivência face aos desafios da vida eterna, muito mais complexos do que os da etapa em que se acredita mortal. Na vida espiritual há trabalho, alimentação, lazer, aprendizagem, bem como ocupações as mais diversas possíveis. A vida espiritual, pela consciência da eternidade e da lei do retorno a novas encarnações, promove modificações profundas na forma de pensar e de agir do ser desencarnado. Suas perspectivas modificam-se tendo em vista a necessidade de rever comportamentos e planejar novas encarnações.

As cidades espirituais se espalham pela vizinhança em tor-

no da Terra, dispondo-se em regiões próximas às populações dos encarnados, com as quais mantêm ligações físicas e psíquicas. Elas, geralmente, são fundadas à mesma época em que surgem as cidades dos encarnados.

O desenvolvimento das cidades espirituais erigidas por espíritos mais adiantados, mais evoluídos moral e intelectualmente, impulsiona a evolução da Terra, tendo em vista a reencarnação de seus habitantes com o fito de fazer evoluir a sociedade dos encarnados. Espíritos cada vez mais adiantados reencarnam, de tempos em tempos, trazendo seus conhecimentos e suas experiências adquiridas junto a grupos de espíritos mais evoluídos, preocupados com o crescimento espiritual na Terra.

O crescimento espiritual e o progresso tecnológico na Terra são fruto e reflexo do desenvolvimento das cidades espirituais. As cidades terrenas são cópias materiais das cidades espirituais, às quais estão ligadas. Há espíritos mais adiantados, missionários, a serviço dos condutores do processo de desenvolvimento espiritual da Terra, que reencarnam trazendo novas idéias, fomentando o progresso, a paz e a harmonia nas populações. Às vezes, surgem em comunidades atrasadas, superando as dificuldades de seu meio, fazendo revoluções que propiciam o crescimento social e espiritual da humanidade.

Os espíritos, quando desencarnados, têm uma vida social/espiritual de acordo com seus níveis de evolução. Reencarnam sempre em busca de novo aprendizado.

10. Mediunidade

Mediunidade é a faculdade que possibilita o ser humano colocar-se num estado alterado de consciência, permitindo-lhe manter comunicação psíquica com seres humanos, no mesmo ou em outros níveis existenciais. O termo é mais apropriado à comunicação entre espíritos, principalmente entre os desencarnados e os encarnados.

Todos os seres humanos possuem a mediunidade, sendo ela uma faculdade inerente à espécie. Todos, portanto, são médiums. Costuma-se, no entanto, chamar-se de médium ao indivíduo que possua a faculdade de forma mais ostensiva, porém a mesma é um atributo do espírito, quer encarnado quer desencarnado. Doravante chamaremos de médium aquele que possua a faculdade de forma mais ostensiva. A mediunidade é, portanto, uma faculdade relacional, interdimensional, que predispõe o indivíduo ao contato consciente ou inconsciente com seus semelhantes em outros estados psíquicos, sem a utilização dos sentidos físicos.

O exercício da mediunidade requer estudo e aprimoramento, não sendo penoso ou sacrificial, exigindo disciplina, perseverança, interesse, paciência e amor.

Não é uma faculdade dos espíritos nem inventada pelo Espiritismo. Ela é inerente ao ser humano e está presente em várias práticas religiosas ou não. Nem sempre o exercício da mediunidade

ostensiva se dá no Espiritismo. Praticar a mediunidade não significa dizer-se espírita.

No Espiritismo, a faculdade é direcionada para a evolução espiritual do médium, e é praticada gratuitamente e de preferência no ambiente dos Centros Espíritas. Sua utilização se dá com o objetivo de demonstrar a continuidade da vida após a morte, bem como para o esclarecimento do ser humano. Visa o desenvolvimento moral e espiritual de quem a utiliza, bem como de sua sensibilidade psíquica, tornando-o mais apto à percepção dos diferentes estados de consciência e dos variados níveis espirituais.

A mediunidade se diversifica em várias nuances, desde a simples eliminação de fluidos materiais próprios até as sutis comunicações mentais. A faculdade se exterioriza de duas formas distintas: através de manifestações físicas e de manifestações intelectuais. As primeiras se dão pela combinação de fluidos do médium com fluidos do espírito comunicante, e que alteram as condições ambientes, influenciando nas propriedades físicas da matéria. As segundas, mesmo com a ligação perispiritual, ocorrem na intimidade da mente do médium.

A mediunidade como faculdade inerente ao ser humano sempre esteve presente na história da humanidade e, de acordo com a época, foi tratada de diferentes formas. Os primitivos, embora não a compreendessem, utilizavam-na em suas práticas ritualísticas, bem como no trato com o que consideravam sagrado.

Na Grécia antiga, assim como no Egito, os deuses, que mandavam suas mensagens através das pitonisas nos templos e oráculos eram, na realidade, espíritos que se comunicavam através da mediunidade e que se faziam passar por divindades face à crença comum da época.

Desde os tempos mais antigos, os fenômenos provocados pelos espíritos eram tidos como maravilhosos, sobrenaturais e demoníacos, tal ocorre por desconhecimento das leis da Vida, as quais, à medida que evolui, o ser humano passa a compreendê-las melhor.

Foram esses fenômenos, por intermédio da mediunidade de indivíduos notáveis, que fizeram surgir, de tempos em tempos, em lugares diferentes, seitas, crenças e religiões. Em alguns casos, pelo desequilíbrio do médium e de seus seguidores, proporcionou o fanatismo religioso e a crença em idéias absurdas e in-conseqüentes.

Durante muito tempo, principalmente na Idade Média, e até recentemente, acreditou-se que a mediunidade era sintoma de loucura ou alienação psíquica. As pesquisas mais recentes a respeito da mente humana e a prática disseminada da mediunidade por indivíduos perfeitamente sadios e ajustados socialmente, demonstraram o contrário. A loucura ou alienação mental pode ocorrer por vários fatores. A mediunidade, tanto quanto qualquer outra atividade humana não provocaria a loucura, pois esta só ocorre quando há predisposição psíquica no indivíduo.

Na verdade, o que se vê é exatamente o contrário, isto é, pessoas que estavam à beira da loucura encontraram alívio ou cura na prática da mediunidade e no Espiritismo.

Algumas religiões mais ortodoxas chegaram a proibir seu uso, inclusive invocando o texto bíblico como apoio à proibição. Porém, só se proíbe o que é factível. Não se pode proibir o que não existe, portanto a mediunidade é confirmada como fato, mas paradoxalmente não se admite sua prática. Se há mediunidade, há espíritos e se existem somos imortais. Mais dia menos dia, as religiões estarão aceitando outras teses espíritas além da mediunidade.

Muitos religiosos e místicos, das várias correntes, principalmente os chamados santos, eram médiuns que se comunicavam com os espíritos desencarnados trazendo suas mensagens, muitas, na maioria das vezes, avançadas para a época.

Em várias oportunidades, a mediunidade foi considerada produto da face oculta e desconhecida da mente, por conta da ignorância que o ser humano tinha e ainda tem a respeito de seu próprio aparelho cerebral. Acreditavam alguns que tudo poderia

se explicar através da telepatia. Queriam em verdade explicar algo incompreendido por outro fator de natureza desconhecida. A mediunidade não está no cérebro, embora ele seja imprescindível a uma gama enorme de fenômenos. A base da mediunidade é o perispírito.

Foi no século XIX que a relação do ser humano com a mediunidade mudou. Aconteceram os fenômenos chamados de “mesas girantes”, que inundaram os salões europeus, notadamente na França. Os espíritos se comunicavam movimentando pequenas mesas sem qualquer aparato especial, iniciando uma nova fase que resultou numa melhor compreensão da mediunidade. Inicialmente esses fenômenos eram utilizados como diversão ou em busca de adivinhações. Com o advento do Espiritismo, porém, as mesas passaram a ser utilizadas para o questionamento sobre a natureza do fenômeno, bem como sobre vários aspectos da vida. Com a utilização do lápis ou caneta diretamente pelo médium, as pequenas mesas caíram em desuso.

Na maioria dos casos, durante uma comunicação mediúnica, o médium se encontra num estado alterado de consciência, em que a característica básica é a exteriorização de seu perispírito. O fenômeno também pode se dar de tal forma sutil que nem sempre é percebido pelo médium.

Entretanto, nem tudo é produto dos espíritos. É preciso conhecer a mediunidade para discernir quando o fato vem ou não vem dos espíritos. Deve-se sempre verificar se não há uma causa física conhecida antes de lhe atribuir causa espiritual, a qual deve ser suficientemente objetiva para não deixar dúvidas.

Pelo uso orientado nas práticas espíritas, a mediunidade tem sido um grande instrumento de terapia psíquica, pela harmonia que proporciona aos médiuns que dela se utilizam equilibradamente.

Os espíritos utilizam as faculdades mediúnicas dos médiuns graças ao perispírito e suas propriedades. Para que eles se comuniquem, necessitam dos fluidos dos médiuns, sem os quais não

é possível estabelecer sintonia psíquica. Afinidade e sintonia são os meios pelos quais se estabelece a ligação psíquica entre o espírito comunicante e o médium. O médium deve estar acessível, voluntária ou involuntariamente, a essa ligação.

A mediunidade não depende de adereços, objetos metálicos, amuletos, vestes especiais, palavras cabalísticas, locais mágicos, rituais ou fórmulas. Não depende, embora em certos médiuns haja influência, do dia ou hora, tempo bom ou ruim, luz ou penumbra, tanto quanto da quantidade de pessoas para que ocorra. Não distingue idade, sexo, raça, crença, religião ou qualquer característica particular.

Em geral, dentre outros, são indícios da mediunidade ostensiva: a) inspiração aguçada; b) premonição de eventos; c) sonhos premonitórios ou com mortos; d) sensibilidade apurada; e) visões; f) facilidade de entrar no estado *alfa*; g) sensações de presenças “inexistentes”. Esses indícios melhor denunciam a mediunidade em alguém quando ocorrem simultaneamente.

O perispírito e as variações do Fluido Cósmico Universal, com suas propriedades, são os principais responsáveis para a ocorrência da grande maioria dos fenômenos mediúnicos. Os espíritos desencarnados, deles se utilizam para se manifestarem, trazendo suas mensagens e atestando a imortalidade da alma.

Nem sempre o médium está consciente durante a ocorrência do fenômeno mediúnico, fato que caracteriza a mediunidade dita inconsciente. É raro o médium inconsciente. Embora, quando inconsciente, seja um instrumento mais maleável, em geral os espíritos preferem os médiuns conscientes.

Para efeito de estudo, face à sua gama muito grande de variações, a mediunidade pode ser dividida em dois tipos: a) efeitos físicos (todos os percebem independentemente do grau de mediunidade que possuem) e, b) efeitos inteligentes (percepção exclusiva do médium que transmite a mensagem aos outros).

Como exemplos do primeiro tipo, temos: materialização de espíritos ou de objetos, escrita direta, voz direta, transfigura-

ção, levitação, aparição, tiptologia. Do segundo tipo, temos: intuição, audiência, desdobramento, psicometria, psicografia, psicofonia, vidência (visão interna, independente dos olhos).

A mediunidade é uma faculdade que pode ser desenvolvida e vir a se tornar mais ostensiva com o exercício. Para melhor desenvolver a mediunidade deve-se: a) estudá-la metodicamente; b) fazer silêncio interior para *escutar* os espíritos; c) habituar-se ao recolhimento, à meditação e à oração; d) trabalhar em si mesmo para combater o orgulho, a vaidade e o egoísmo e adquirir a humildade; e) não se afastar da convivência com pessoas ou grupos esclarecidos a fim de adquirir senso crítico sobre seu próprio desenvolvimento mediúnico, moral e espiritual, exercitá-la junto a pessoas sérias que já atuem há algum tempo.

A mediunidade pertence ao ser humano e seu resultado é de responsabilidade do médium. O produto e o objetivo que se obtenham a partir das manifestações dos espíritos, dependerão do nível de evolução em que se encontrem, bem como das intenções dos médiuns. A vida moral do médium exercerá influência na qualidade moral dos espíritos que o acompanham, bem como nas comunicações que recebe. Por esse motivo, as comunicações poderão ser fúteis, grosseiras, obscenas, instrutivas, elevadas, etc., dependendo do espírito comunicante.

Muito embora a mediunidade seja uma faculdade universal, o local mais adequado para seu exercício metódico é o Centro Espírita, não só pelo estudo que ali se faz, como também pela proteção espiritual proporcionada pelos espíritos bons.

11. Médiuns

Afirmamos que todos os indivíduos são médiuns, independente de sexo, idade, crença, raça e condição econômica, o que torna a faculdade inerente ao ser humano. Aqui nos deteremos naqueles que possuem a faculdade de forma mais ostensiva. Nesse sentido, ser médium é colocar-se entre dimensões da vida, servindo como intermediário para que se processe a comunicação entre níveis conscienciais.

Ser médium não garante a ninguém o poder de produzir qualquer fenômeno que implique na participação dos espíritos. Se os espíritos não o quiserem, não haverá produção de nenhum fenômeno mediúnico, a não ser aqueles oriundos do próprio médium. Neste último caso, o fenômeno é chamado de anímico.

Por afinidade, os espíritos buscam comunicar-se utilizando médiuns que se lhes assemelhem no modo de pensar ou agir. Através da sintonia psíquica, ligam-se energeticamente àqueles que possuem fluidos compatíveis com os seus, para produzirem os fenômenos.

A rigor não há indícios precisos da existência da mediunidade ostensiva, porém pode-se estabelecer alguns sinais típicos que sugerem sua possibilidade num indivíduo. Em geral, os médiuns ostensivos trazem alguns sinais, desde a infância ou adolescência, que podem ser percebidos como referentes à mediunidade. São sinais típicos:

- visões de parentes falecidos;
- labilidade emocional acentuada em desacordo com o padrão de conduta do indivíduo;
- pressentimentos que se tornam realidade;
- sonhos premonitórios;
- freqüentes sonhos com desencarnados;
- perturbações intermitentes não diagnosticadas;
- movimento ostensivo, em sua presença, de objetos sem causa aparente;
- forte excitação cerebral;
- facilidade em curar doenças em terceiros com ou sem indicação de remédios.

Esses indícios quando ocorrem isoladamente e com pouca freqüência não se configuram como mediunidade ostensiva. Sua ocorrência constante, bem como a associação de pelo menos dois deles, pode denotar sua existência.

Às vezes, o desabrochar da mediunidade provoca algumas perturbações na vida do indivíduo, justamente pelo inusitado dos sintomas, bem como pela cultura preconceituosa a respeito. Tais perturbações geralmente desaparecem com o início do estudo e vinculação a um grupo espírita sério. O desenvolvimento da faculdade geralmente se dá também com o auxílio dos espíritos bons, os quais *adotam* o candidato sério ao exercício da mediunidade, buscando orientá-lo, inspirando-o no estado de vigília ou durante o sono, quanto ao seu desempenho.

O próprio indivíduo, quando se inicia no estudo da faculdade, percebe em si sensações diferentes, bem como ‘diálogos’ mentais que lhe sugerem a possibilidade de ser portador da faculdade mediúnica. Há porém sensações e percepções que não devem ser atribuídas à faculdade mediúnica, mas tão somente à própria capacidade anímica humana. Só o estudo poderá fazer o indivíduo discernir entre o que lhe é próprio e o que vem dos espíritos. Assim mesmo, não há produção mediúnica que dispense o concurso do médium e que não contenha características de sua personalidade.

Para se identificar a qualidade dos espíritos comunicantes, isto é, seu grau de adiantamento moral, deve-se atentar para o conteúdo elevado de sua produção, bem como aos objetivos a que se propõem. Quanto mais elevado o espírito, maior qualidade terá sua mensagem e sua destinação pretenderá alcançar o maior número de pessoas, visando-lhes fazer o bem. Costumam trazer mensagens de cunho geral e instrutivas, não só para o médium que as recebe em primeiro lugar, mas a todos que por elas sejam alcançados. Não basta que a mensagem seja atribuída a nomes veneráveis se seu conteúdo não lhes estiver a altura.

Os espíritos sérios utilizam médiuns responsáveis, os quais buscam seu aprimoramento intelectual e moral a fim de colaborar com a tarefa de esclarecer e educar a humanidade, principalmente a respeito da continuidade da vida após a morte.

Via de regra, a faculdade mediúnica mais ostensiva surge entre a infância e a adolescência, muito embora possa desabrochar em qualquer época da vida. Os sinais mais típicos provocam desconforto para o indivíduo que, por desconhecimento, rejeita seu estudo e seu desenvolvimento. O Espiritismo geralmente é procurado depois da peregrinação por médicos e psicólogos, quando a família não procura a ajuda em práticas miraculosas e inconseqüentes, as quais, às vezes, ampliam o problema.

No Espiritismo, o médium para desenvolver sua faculdade, no intuito de torná-la mais ostensiva ou mesmo para equilibrá-la, deverá buscar, sobretudo o estudo, bem como sua participação num grupo sério a fim de conhecê-la e utilizá-la adequadamente.

Nos Centros Espíritas sérios, as reuniões com essa finalidade levam seus participantes à compreensão do sentido e uso adequado da mediunidade. Há reuniões em que a mediunidade é importante instrumento para o equilíbrio terapêutico de espíritos desencarnados, cujo estado perispiritual e psíquico requerem o auxílio através de um médium. São as chamadas reuniões de desobsessão, onde os médiuns equilibrados desempenham importante papel no esclarecimento e auxílio energético aos espíritos infelizes desencarnados.

Os que participam de reuniões mediúnicas, quer como médiuns ostensivos, passistas, esclarecedores ou como assistentes, devem equilibrar seus pensamentos, permanecer em oração, buscando a sintonia com os espíritos bons a fim de que a reunião não se afaste de sua finalidade.

Há reuniões, porém, cujo objetivo é o estudo e a pesquisa da mediunidade, nas quais ocorrem manifestações instrutivas, quer com a utilização de aparelhos, quer diretamente através dos médiuns e onde os espíritos, em conjunto com estudiosos encarnados, proporcionam os mais diversos fenômenos mediúnicos.

Naqueles Centros Espíritas, as reuniões de intercâmbio mediúnico são dirigidas por pessoas experientes em mediunidade e supervisionadas pelos espíritos bons desencarnados que assumem a tarefa do outro lado da vida. Há reuniões mediúnicas de cura, de experimentação, de desobsessão, de desenvolvimento da mediunidade, de vibração e atendimento a distância, de produção de mensagens instrutivas, de produção artística, etc. O importante é sabermos que, onde houver médiuns ostensivos poderá haver reuniões mediúnicas, o que dependerá também da vontade dos espíritos.

Os médiuns podem ser classificados de diversas formas em função dos diferentes tipos de fluidos de que são portadores, bem como das características de sua personalidade e a dos espíritos que por eles se comunicam. Há os curadores, os psicógrafos, os psicofônicos, os de materialização, os videntes, os inspirados, os sensitivos, os audientes, os sonambúlicos, os de efeitos musicais, os versejadores, etc.

O bom médium é aquele que procura ser fiel à comunicação que recebe, buscando evitar ao máximo sua interferência no fenômeno. No momento da comunicação, o médium poderá estar consciente ou inconsciente quanto ao teor da mensagem. Da mesma forma, poderá se situar quanto ao ambiente à sua volta, estando alheio ou não a ele. Em geral, os médiuns, durante as comunicações, encontram-se num estado alterado de consciência que limita sua focalização na realidade material.

No passado, antes do Espiritismo, os médiuns eram considerados adivinhos, profetas, evocadores de espíritos, xamãs, pajés, magos, bruxos, sacerdotes, etc., por consequência dos poderes que acreditavam possuir com exclusividade. Certamente alguns possuíam a faculdade mediúnica ostensiva, outros eram apenas aproveitadores da credulidade popular. Com o advento do Espiritismo, que, dentre outros objetivos, veio esclarecer o ser humano quanto à mediunidade, o médium passou a ter mais responsabilidade quanto ao uso de sua faculdade. Não se deve dar tratamento especial aos médiuns, mas sim, o mesmo que se dispensa a qualquer pessoa. No Espiritismo, não há posição de destaque nem hierarquia que possa colocar o trabalhador da mediunidade em posição de superioridade a qualquer outro.

Muitos médiuns nascem com a faculdade ostensiva como forma de aprendizado, educando-se ao de seu exercício. Vêm com a missão de, não só prestar auxílio a espíritos sofredores do outro lado da vida, como também a de servir como intérpretes dos espíritos bons, trazendo mensagens de consolo e orientação.

12. Obsessão

Como muitas afecções humanas, as obsessões são tão antigas como a própria humanidade, atingindo todas as classes sociais e indivíduos, sem qualquer distinção.

Este é um capítulo especial no tocante à existência da mediunidade, pois retrata os prejuízos decorrentes das emoções desarmonizadas quando a ela associadas. Paixões violentas, culpas e ódios são fatores predisponentes no processo que desencadeia a obsessão, ligando os protagonistas, muitas vezes por várias encarnações, nas quais se revezam entre agressor e agredido.

A obsessão é a influência que um ou mais espíritos tentam obter sobre um indivíduo, desejando prejudicá-lo. Considerando que todos são médiuns, todos estão sujeitos a sofrê-la. Os espíritos que assim procedem, pertencem a uma categoria moralmente inferior. Ela pode ocorrer de encarnados para desencarnados e vice-versa, como também entre encarnados e entre desencarnados.

Muitos comportamentos humanos são, via de regra, ditados pelas influências que os espíritos desencarnados exercem. Muitas vezes, eles dirigem as ações humanas sem que se aperceba, pela sua sutileza e pela ausência de conhecimento em se distinguir distintas origens de idéias. Não se tem o hábito de tentar distinguir, quando as idéias são próprias de quando elas vêm dos espíritos desencarnados.

Invariavelmente todos estão sujeitos à influência dos espíritos, não existindo, portanto, quem não lhes tenha sofrido uma obsessão. Médiuns, por mais experientes que sejam, também estão sujeitos sofrer influências espirituais negativas. As obsessões não são provocadas pelo exercício da mediunidade no Espiritismo, mas decorrentes da fragilidade humana.

São fatores que predis põem à ocorrência das obsessões: os vícios, a instabilidade emocional, as necessidades expiatórias (processos cármicos educativos), as disputas de poder ou de bens materiais, invejas prejudiciais, ciúmes doentios, calúnias e traições veladas, o orgulho, o egoísmo, a vaidade, a culpa, bem como toda atitude que leve prejuízo aos outros. Muitas vezes, as obsessões se iniciam na intimidade do lar, quando os relacionamentos se tornam conflitantes, trazendo desequilíbrio à família.

Os espíritos que pretendem obsidiar alguém, irão procurar alcançar a pessoa através de um desses fatores, ligando-se a ela pela sua estrutura mental, buscando inserir-se nas idéias de sua vítima. Tanto quanto as idéias, as emoções são fatores que produzem vibrações, as quais possibilitam ligações com os desencarnados. Psicologicamente falando, é pelos *complexos* que as obsessões ocorrem. Os *complexos* de culpa, inferioridade, superioridade, de poder, etc., são núcleos emocionais que favorecem as influências espirituais. Junto a eles, as paixões e ódios que lhes correspondem, criam os mecanismos de ligação nas obsessões.

Allan Kardec estabelece uma classificação, de acordo com a intensidade da influência dos espíritos, que permite entender-se melhor a obsessão. Para ele a obsessão pode ser: simples, por fascinação ou por subjugação.

A obsessão simples se caracteriza pela interferência da vontade de um espírito sobre o indivíduo, sem que isto implique num domínio sobre sua personalidade. Geralmente esse tipo de obsessão interfere momentaneamente no senso crítico e no discernimento do obsidiado, provocando-lhe, às vezes, certo

constrangimento. Também, às vezes, de forma não intencional, espíritos desencarnados, familiares, costumam, pela sua presença junto aos que permanecem encarnados, provocar obsessões involuntárias. Nesse contato, quando prolongado, os desencarnados não só recebem os fluidos dos encarnados, como também transmitem os seus e, às vezes, a doença ou problema que lhes causou a desencarnação, transfere-se de forma sutil e involuntária.

A fascinação é um grau mais sério de obsessão, face à ilusão que é provocada em sua vítima, paralisando-lhe por vezes o raciocínio. A pessoa fascinada não acredita que esteja enganada a respeito de determinados assuntos, expondo-se, por vezes, ao ridículo, confiando cegamente em idéias, as quais acredita serem suas, porém, são oriundas de um espírito moralmente inferior. Essa ilusão pode levar o indivíduo não só ao ridículo, como a situações comprometedoras e até perigosas. Às vezes, esse tipo de obsessão, por atingir a cognição e o discernimento, provoca tantos inconvenientes quanto a subjugação.

Na subjugação, por vezes, ocorre alteração quase que completa no senso crítico e no discernimento lógico-emocional do obsidiado. Nesse estado, sua vontade é afetada, suas idéias são contaminadas e prejudicadas do ponto de vista do senso coletivo. Muitas vezes, a fascinação é um componente da subjugação.

Na subjugação, ocorre não só o domínio sobre as idéias e o comportamento moral do obsidiado, como também o constrangimento físico. Nesse tipo de obsessão geralmente o espírito consegue, por algum tempo e quase que totalmente, o domínio sobre o organismo do obsidiado. Por vezes, esse processo leva pessoas, por disposições cármicas, a internações em instituições psiquiátricas com os mais diversos diagnósticos, submetendo-se a terapia medicamentosa, muitas vezes inócua na erradicação das causas.

A classificação das obsessões não é estanque, pois as suti-

lezas dos processos de influência espiritual variam de pessoa a pessoa. Muitas vezes não se consegue enquadrar o estado de obsessão de uma pessoa, exatamente por causa dos fatores interferentes. Via de regra, não há uma obsessão igual a outra.

Face à característica de ser uma ação persistente, nem sempre se torna fácil sua erradicação ou a solução de um conflito que envolve dois ou mais espíritos. Emoções desequilibradas, enraizadas, às vezes, por várias encarnações, não se resolvem em breve tempo, exigindo dedicação, parcimônia e amorosidade.

As emoções e a vontade geram pensamentos que, por sua vez, mobilizam energias sutis em torno do indivíduo, o que atrai companhias espirituais diretamente sintonizadas com seu teor. Essa mobilização de energias chama-se vibração, que estabelece o estado psíquico de cada um, situando o indivíduo numa dimensão espiritual característica.

Não é o Espiritismo, tampouco a faculdade mediúnica, que provocam a obsessão, mas a vontade e os interesses humanos desequilibrados, quer de desencarnados, quer de encarnados, que, por inferioridade moral, relacionam-se promovendo sofrimento mútuo.

Por viverem numa dimensão mais fluida, sutil e quintessenciada, e lidarem com energias suscetíveis ao pensamento, costumam, os espíritos que obsidiam, utilizar-se de técnicas hipnóticas e subliminares para atingir suas vítimas.

Quando muito prolongada, a obsessão provoca desordens psíquicas sérias, não só requerendo a terapêutica espiritual como também, às vezes, acompanhamento médico e, principalmente, psicológico.

13. Desobsessão

Desobsessão é o nome de um conjunto de técnicas utilizadas no Espiritismo com o intuito de eliminar as causas, bem como as conseqüências das obsessões. Sua fundamentação está concentrada na transformação moral dos personagens envolvidos no processo.

Buscando proporcionar a cura do obsidiado e do obsessor, o Espiritismo, com suas técnicas, reúne ambos, muitas vezes, levando-os a relembrem o passado a fim de se reconciliarem no presente e quanto ao futuro.

As técnicas de desobsessão usuais no Espiritismo são: a prece, o esclarecimento nas reuniões públicas dos Centros Espíritas, indicação de leituras edificantes, o passe, o evangelho no lar, a água fluidificada, atendimento fraterno, o engajamento em tarefas caritativas, o atendimento espiritual ao desencarnado, etc. Essas técnicas não eximem o obsidiado da necessidade de buscar a autodesobsessão através do esforço na própria transformação moral, condição fundamental para o sucesso que pretende obter.

Na autodesobsessão o obsidiado é convidado ao pensamento reto, ao equilíbrio das emoções, à meditação, ao trabalho cotidiano, bem como a evitar os vícios e tudo que provoca instabilidade emocional. Nesse sentido, ele é aconselhado a buscar atitudes comportamentais que o levem ao equilíbrio psico-emoci-

onal. É-lhe sugerido não desejar nem pensar contra alguém, pois o pensamento tem força e é ação, atraindo e imantando os que sintonizam entre si.

A prece é recomendável pela sua eficácia na mudança da disposição mental do obsidiado, bem como por mobilizar forças positivas em seu favor, atraindo o auxílio espiritual necessário. A prece é luz na alma para que se clareie o caminho do crescimento espiritual do obsidiado. Orar é um alimento para o espírito, pois lhe renova as energias, ampliando sua esperança e confiança no futuro, contribuindo para seu processo de cura. Durante os momentos de oração os espíritos amigos melhor inspiram o obsidiado a encontrar as soluções de seus problemas.

O esclarecimento nas reuniões públicas se baseia na divulgação dos princípios básicos do Espiritismo, visando a transformação moral do obsidiado. A pessoa que sofre algum tipo de obsessão é orientada a assistir as reuniões públicas no Centro Espírita, de esclarecimento e orientação moral, onde apreenderá novos conceitos sobre a Vida e sobre a realidade espiritual. Enquanto assiste às reuniões, espíritos ligados aos trabalhos de desobsessão da instituição, estarão auxiliando os desencarnados que porventura estejam acompanhando o obsidiado, bem como se inteirando dos aspectos relacionados a seus processos de vida. Muitas vezes, naquele momento, deslocam-se à residência do obsidiado, inteirando-se da problemática familiar, a fim de obterem dados que possibilitem uma melhor compreensão de seu drama para uma ajuda mais eficaz.

O passe é transferência de energias positivas e curativas em favor do obsidiado e do obsessor. A energia do passe atinge o corpo físico e o espiritual de seu receptor, promovendo-lhes o equilíbrio energético, o qual se encontra prejudicado pela relação desarmonizada na obsessão.

O Evangelho no Lar é uma atividade recomendada a fim de se harmonizar o ambiente físico e espiritual em que vive o obsidiado. Com sua realização, beneficiam-se a família, os vizi-

nhos e os espíritos que ali vivem. Realiza-se reunindo o máximo de familiares em torno da leitura e comentários breves de uma página de elevado conteúdo moral, criando-se com isso um clima de equilíbrio, paz e harmonia no lar. À semelhança do que ocorre nas reuniões públicas, os espíritos encarregados da desobsessão irão auxiliar encarnados e desencarnados presentes visando o restabelecimento da harmonia psíquica do local.

Beber a água fluidificada é recomendado ao obsidiado a fim de lhe renovar as energias físicas e perispirituais. É-lhe sugerido que leve ao Centro Espírita um recipiente com água a ser fluidificada pelos espíritos desencarnados, os quais adicionam energias curadoras, durante as reuniões, para que ele beba em casa como um medicamento.

O atendimento fraterno é terapia proporcionada por trabalhadores encarnados em auxílio ao obsidiado, através de conversa amiga visando o aconselhamento e a percepção de seu próprio processo. Nesse atendimento, o trabalhador do Centro, estando consciente do problema do obsidiado, infunde-lhe otimismo, esperança e confiança no auxílio espiritual e em Deus. Informando-lhe o valor do perdão, convida-o a sintonizar com a paz e o amor ao próximo.

O engajamento em tarefas caritativas significa o convite ao obsidiado a participar de trabalhos vinculados à caridade no Centro Espírita, tais como: visitas a necessitados, distribuição de gêneros a carentes, auxílio em tarefas no Centro que estejam a seu alcance, dentre outras.

O atendimento ao desencarnado é feito internamente nas reuniões de auxílio espiritual do Centro, nas quais o esclarecimento é dado aos espíritos vinculados ao processo obsessivo. Essas reuniões, via de regra, são feitas na ausência do obsidiado, tendo em vista, muitas vezes, seu desconhecimento em relação à mediunidade e pela natureza e complexidade das manifestações mediúnicas. O obsidiado nem sempre está em condições psicológicas de lidar com o conteúdo e as vibrações de certas comuni-

cações mediúnicas. Durante o sono do encarnado, é comum sua saída do corpo físico e conseqüente ida, em corpo perispiritual, ao Centro Espírita, para reuniões proporcionadas pelos espíritos mentores encarregados da tarefa da desobsessão. Ali são utilizadas técnicas, as quais levam os protagonistas ao reencontro para compreensão das causas passadas que deram origem ao problema.

As técnicas de desobsessão citadas, quando executadas em seu conjunto, costumam proporcionar alívio ao obsidiado e, com o tempo, resolver o conflito que o afligia. Isoladamente, nem sempre surtem o efeito desejado, pois, as obsessões são, por vezes, sutis e complexas, requerendo um esforço conjunto a fim de lhes eliminar a ação persistente.

Porém, a solução definitiva do problema do encarnado se dará quando ele, pela vivência cotidiana e aprendizado em experiências educativas, internalizar o saber, cuja ausência o levou a equivocar-se no passado. Não basta o perdão do obsessor, nem tampouco a ausência da culpa no obsidiado, pois ambos deverão, pelo exercício do viver, internalizar os paradigmas da lei de Deus que ainda não conhecem.

Fundamental é entender que a desobsessão deve ser feita educando ambos, encarnado e desencarnado, pois, se apenas um deles for esclarecido, o outro estará disponível para a ocorrência de nova obsessão. Afastar apenas o desencarnado poderá atrair outro, face à predisposição que o encarnado estará sujeito. O esclarecimento apenas do encarnado resolverá o problema de sua obsessão, mas não impedirá que o desencarnado continue tentando agredi-lo ou venha a fazer o mesmo com outro que lhe sintonize o desequilíbrio. Onde houver obsessão, pode-se dizer que há vários personagens envolvidos, merecendo o aprendizado de todos.

No trato das obsessões, os exorcismos são inoperantes, pois os espíritos não se deixam influenciar por fórmulas, rituais ou pela autoridade formal do “exorcista”, mas sim pela sua superioridade moral.

A terapia espírita é não só curadora como também profilática, pois recomenda ao obsidiado permanecer vinculado ao bem e cultivar a paz interior, cujo estado inibe a vinculação a espíritos infelizes desencarnados.

14. As Leis de Deus

A ação de Deus no universo se dá por intermédio de Suas leis, as quais atuam de forma harmônica e constante. A intervenção de Suas leis é confundida como sendo o próprio Deus. Seu funcionamento não depende da crença nem das ações humanas. São leis gerais, universais e sempre ocorreram em todas as épocas da evolução. Não privilegiam nem elegem ninguém com exclusividade. Não pertencem ao Espiritismo ou a qualquer sistema criado pelo ser humano. São leis da natureza e não estão sujeitas a ele, nem às suas concepções transitórias.

Não se fundamentam em nenhum princípio particular, salvo no Amor, cuja compreensão nem sempre é alcançada pelo ser humano. Não são inflexíveis nem fatalistas, sendo, sobretudo, misericordiosas. Necessariamente não ocorrem como a lógica humana as concebe, pois esta é apenas uma forma de entender a divina.

No passado, foi tomada como manifestação do sobrenatural, disseminando o medo e o temor, depois foi confundida com a justiça e seus atributos humanos, mais tarde como fatalidade causalista. Hoje, graças ao Espiritismo, alcança a concepção de lei de harmonia, onde tudo se destina à evolução e ao equilíbrio.

São leis que o ser humano aos poucos vai percebendo durante suas vidas sucessivas e incorporando seus princípios a cada nova encarnação. Aos poucos vai perdendo seus temores e me-

dos, suas culpas e preconceitos e internalizando o saber que aquelas leis lhe proporcionam.

Muitas vezes, por conta de seu nível primário de evolução, o ser humano se relaciona com Deus buscando obter vantagens pessoais, porém nem sempre recebe aquilo que pede. Não o percebe que as respostas aos seus pedidos vêm através das leis de Deus, as quais lhe fornecem aquilo de que precisa para sua evolução espiritual. Se está escrito “pedi e obtereis” está também escrito que “a cada um segundo suas obras”. É preciso querer, saber querer e merecer para se obter o que se pede.

As leis de Deus atuam de forma imperceptível para a grande maioria dos espíritos. Alcançam-nos quando menos esperamos e de forma bastante sutil. É preciso “ter olhos de ver” e “ouvidos de ouvir”, a fim de melhor entender os mecanismos de atuação das leis de Deus.

A evolução do Espírito consiste em apreender as leis de Deus no decorrer de sua caminhada, ao longo das vidas sucessivas. À essência espiritual, isto é, ao Espírito em sua natureza mais íntima, só chegam as leis de Deus. Na singularidade do Espírito só existe o conhecimento das leis. Nele não há o mal, nem acessórios, só o amor, o puro amor, o qual resume as leis de Deus.

Por mais que os seres humanos façam sua justiça e tenham sua forma de estabelecer méritos, as leis de Deus sempre exercem a verdadeira, cuja atuação dá a cada um segundo suas necessidades educativas. Mesmo que um espírito saia de uma encarnação incólume em relação à justiça terrena, as leis de Deus irão, um dia, alcançá-lo no devido tempo para que venha a educar-se. Este é o objetivo final da atuação das leis de Deus: a educação do Espírito, isto é, seu conhecimento dessas mesmas leis.

São naturais essas leis, pois não foram criadas nem inventadas pelos seres humanos, os quais lhes deram muitos nomes, sem, no entanto, modificar sua eficácia. Elas não são mutáveis como as leis promulgadas pelas assembleias humanas. Elas exis-

tem e sempre existirão, quaisquer que sejam os nomes que se lhes dêem.

Não obedecem à moral social, a qual se modifica de tempos em tempos. São eternas e imutáveis e visam o equilíbrio e a evolução universais. Não obedecem aos preceitos erigidos pelas culturas humanas nas suas mais diversas manifestações religiosas ou não. Não são morais no sentido tradicional e conservador, mas leis de amor, paz e harmonia. Visam o bem e a felicidade, e não a punição.

Sua atuação é no sentido de educar e fazer crescer, não se prestando a perseguir ou atender a desejos humanos de vingança. O bem e o belo é parte integrante dos parâmetros das leis, bem como a elevação moral e espiritual da humanidade.

As pessoas percebem melhor as leis de Deus de acordo com os níveis evolutivos em que se encontram. Quanto mais atrasados forem na escala evolutiva, atribuirão as ocorrências de sua vida ao acaso, à sorte ou ao azar. Sentir-se-ão à mercê do imponderável e do destino que consideram, quando adverso, absurdo.

Quanto mais evoluídas, mais percebem as leis como instrumentos da Vida e da felicidade. Entendem seus mecanismos e os utilizam em suas vidas. Preocupam-se em transmitir aos outros seus entendimentos das leis e encarregam-se de auxiliá-los em suas jornadas.

O universo parece *conspirar* a favor do ser humano na medida em que ele compreende melhor as leis de Deus. As coisas e pessoas são percebidas de forma clara e mais profunda. Compreender essas leis representa uma importante aquisição para a evolução do espírito. Quanto mais ele conhece as leis de Deus, melhor encara as adversidades, considerando-as ocorrências importantes e valiosas ao seu progresso espiritual. Elas se constituem em fontes de aprendizado para o conhecimento de como funcionam as leis. Devem ser encaradas com alegria e otimismo por causa de sua função educativa.

À medida que o espírito conhece as leis, sintoniza mais com o bem e com o amor. Seu olhar e percepção sobre as coisas se modificam, seus sentimentos se elevam, sua vida se torna mais plena e prazerosa. Ele se sente mais integrado ao divino, estabelecendo diálogo constante com Deus. Esse diálogo é direto e representa a certeza de Deus internalizado no próprio ser humano. Ele percebe Deus em si mesmo e se sente integrado às coisas, às pessoas, à Vida e ao universo.

O sentido da vida é também aprender a reconhecer os próprios sentimentos e a lidar com emoções, pois estas, como aqueles, são responsáveis pelos pensamentos e, conseqüentemente, pelas ações humanas. Nessa caminhada de aprendizado das leis de Deus, o ser humano vai aos poucos descobrindo suas próprias emoções, bem como a noção interior de amor que já adquiriu. Esse sentido interior para o amor é-lhe inerente e deve ser conscientizado para estar a serviço de sua própria evolução, sendo ao mesmo tempo uma descoberta e uma ferramenta a ser colocada em prática, tornando-se imprescindível à sua felicidade.

Quanto mais ele conhece as leis de Deus, melhor percebe o quanto é efêmero o corpo, o quanto são insignificantes o egoísmo e o orgulho diante da grandeza da Vida. Reconsidera sua vida e busca o conhecimento ainda maior das leis de Deus bem como sua aplicação cotidiana, principalmente em sua relação com as pessoas.

Não basta conhecer as leis. É preciso vivenciá-las constantemente. Essa vivência requer sacrifício, cuja realização se dá através das vidas sucessivas. Ao espírito que aspira alcançar a plenitude, qualquer preço será pequeno face à recompensa futura de ser feliz. Sabendo-se conduzido por Deus, não haverá preço que não se possa pagar.

O Espiritismo vem revelar aos seres humanos a importância das leis de Deus, as quais não foram por ele inventadas, mas que sempre existiram e são imprescindíveis à compreensão da natureza de Deus e ao entendimento do sentido da Vida.

15. Trabalho e Progresso

A evolução se processa pelo trabalho que o ser humano exerce durante suas sucessivas encarnações, as quais lhe acrescentam experiências importantes para aquisição do conhecimento das leis de Deus. É desempenhando os mais diversos papéis sociais nas experiências reencarnatórias que ele vai aos poucos incorporando as leis de Deus. O trabalho que exerce é o meio eficaz para que apreenda o sentido da Vida.

O progresso social só é possível através do trabalho e o ser humano é o meio para se alcançar isso, vindo a ser também seu beneficiário. Só através do trabalho, o qual se define como toda atividade útil, é que o ser humano realiza seu crescimento espiritual.

O trabalho, além de se constituir numa necessidade e um meio de desenvolver a própria inteligência do ser humano, é também a forma dele participar da obra de Deus.

Nos mundos mais adiantados, os espíritos também trabalham e sempre de acordo com suas necessidades. Quanto mais grosseiras sejam elas, mais material é o trabalho que executam. Não há ociosidade no universo, nem existe paraíso de inatividade.

O trabalho é imprescindível ao ser humano, mesmo para aquele que materialmente não precise dele para seu sustento, pois tem a obrigação de ser útil à sociedade. Quanto mais aquinhado que os outros, maior dever tem de fazer o bem com os meios de que dispõe.

As desigualdades sociais existentes são resultantes do estágio primário de evolução em que ainda se encontra a humanidade. Além da carência de empregos, observa-se o desnível de renda e a miséria ainda presente na maioria das sociedades humanas. Só quando o egoísmo e o orgulho, maiores empecilhos ao progresso, frutos do materialismo, não mais encontrarem lugar na humanidade, ela poderá alcançar um estágio melhor de desenvolvimento material e espiritual.

Os sistemas sócio-econômicos que vigoram na Terra, ainda se baseiam na supremacia do capital sobre o trabalho humano, bem como na preponderância da matéria sobre o Espírito. Quando o espiritualismo, em particular o Espiritismo, chegar à consciência do ser humano, este encontrará o equilíbrio necessário ao seu progresso social e espiritual.

Para trabalhar, o ser humano sai em busca de profissões motivado pelo ganho financeiro com que elas possam lhe retribuir, muitas vezes esquecendo-se de sua vocação e de suas necessidades evolutivas. Qualquer profissão é digna e o fruto de seu trabalho deverá concorrer não só para um ganho pessoal como para o progresso social. Profissões cujo fruto do trabalho resulte num malefício ao ser humano têm seus dias contados.

Se na Terra o ser humano não trabalhasse, viveria no estado de barbárie, incompatível com o progresso que lhe é inevitável. Voltar a viver como os primitivos habitantes do planeta, sob o pretexto de que a situação promove necessidades, é o mesmo que adotar a felicidade do bruto, considerando-a plena por não conhecer a verdadeira.

Não é possível ao ser humano involuir, da mesma forma que não é factível que a sociedade retorne ao estado primitivo. Tanto quanto o ser humano, a sociedade sempre evolui para um estágio mais avançado de progresso. O contato social é imprescindível ao progresso da humanidade, não sendo possível uma civilização evoluir sem o convívio com outras mais adiantadas.

Nem sempre o progresso intelectual significa ter atingido o

progresso moral, muito embora um possa decorrer do outro. Com a evolução do espírito, eles se equilibram.

Em que pese ser de forma lenta, a humanidade caminha para o progresso espiritual, pois a cada dia o ser humano se melhora com a aquisição das leis de Deus. Hoje o ser humano vive melhor que no passado, tanto no sentido material como no espiritual. O progresso é portanto inevitável e inexorável.

Assim como as pessoas, a humanidade evolui atravessando fases, desde a infância, passando pela idade adolescencial, até alcançar a maturidade. As culturas que não se baseiam na força nem na conquista de poder e território, servem de exemplo para outros povos, por que certamente estarão pregando o bem e a caridade como modelo de vida.

As sociedades produzem suas leis visando erradicar o mal, no entanto, elas, em sua maioria, são punitivas e geralmente atuam depois da ocorrência dos fatos. O progresso social só se dá pela educação, a qual dispensa leis rigorosas.

O Espiritismo, em continuidade ao Cristianismo, edifica os alicerces de uma nova civilização calcada no Espírito, mostrando ao ser humano o valor do bem e da caridade, do amor ao próximo e da verdadeira justiça. As teses espíritas estão marcando uma nova era de transformação da humanidade e de eliminação do materialismo.

“Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover a sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a

educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as conseqüências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.” *Allan Kardec*.

“A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações diversas. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo. Nem por isso, entretanto, constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral. De duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social, somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, por isso que tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com

menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa-vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.” *Allan Kardec*.

16. Liberdade e Igualdade na Sociedade

A vida em sociedade é um progresso para o ser humano, pois lhe trouxe a percepção de si mesmo e desenvolveu-lhe o sentido de fraternidade. O isolamento é contrário à lei de Deus, pois torna o ser humano mais egoísta, embrutecendo-o. O isolamento temporário, quando feito para melhor servir a humanidade, é meritório.

Os laços de família são necessários ao progresso da humanidade, pois aproximam os espíritos, educando-os ao amor legítimo. A quebra dos laços de família aumentaria o egoísmo.

A liberdade é um direito natural do ser humano e sua internalização representa importante aquisição para a evolução. Seu uso na sociedade representa uma conquista, cuja consequência é o desenvolvimento da responsabilidade. No exercício da liberdade, o ser humano adquire as noções de direito e dever para com a própria sociedade.

Muito embora na sociedade predominem as desigualdades sociais, fruto do nível primário de evolução em que se encontra, todos os seres humanos são iguais perante Deus, sem qualquer tipo de distinção, pois têm o mesmo destino: alcançar a felicidade. A diversidade de aptidões decorre das diferentes experiências que cada um teve ao longo de suas vidas sucessivas. Todos

foram criados simples e ignorantes quanto às leis de Deus, mas criados em épocas distintas e viveram diferentes experiências nos vários mundos. Porém, as diferentes condições sociais que ainda existem são obra do nível de evolução do ser humano, o qual vive mais a vida material que a espiritual. A desigualdade de riquezas é fruto tanto da diversidade de aptidões como também da cobiça e do egoísmo ainda reinantes na Terra. À medida que o ser humano evolui, ele elimina as diferenças sociais.

A riqueza e a pobreza são provas idênticas para o ser humano, pois ambas se destinam à aquisição de experiências. Enquanto a riqueza o ensina a saber administrar seus talentos e a não cometer excessos, a pobreza convida-o à resignação e a não se queixar da providência divina. Algumas vezes são provas escolhidas pelos próprios espíritos. Mais facilmente a riqueza e o poder aproximam o ser humano das paixões e do egoísmo que o prendem a matéria, afastando-o do progresso espiritual.

Todos os seres humanos são iguais perante as leis sociais e espirituais. Deus os fez *princípios espirituais*, simples e ignorantes, os quais alcançam a condição de espíritos, dotados de razão, com as mesmas possibilidades de evoluir. Tanto homens quanto mulheres são espíritos e têm os mesmos direitos e deveres.

A liberdade é também um direito natural, mas não é possível de uma forma absoluta. A partir do momento que o ser humano se relaciona com seu semelhante, sua liberdade se restringe pela necessidade de reconhecimento de direitos recíprocos.

A escravidão, bem como toda forma de trabalho forçado, é contrária à lei de liberdade, pois degrada física e moralmente o ser humano. Mesmo que fosse permitida legalmente, revelaria o atraso moral da sociedade.

A superioridade que certas raças se atribuíram sobre outras, identifica o atraso em que se encontra a humanidade. A diversidade de aptidões entre raças, resultado da experiência, serve para que as mais experientes auxiliem as mais novas sem que as escravize.

O ser humano tem liberdade de pensar, não estando sujeito a qualquer tipo de censura. Seus pensamentos estão submetidos apenas ao crivo de Deus. A liberdade de pensamento é o mais alto grau confiado ao ser humano.

A liberdade de crença é também um direito do ser humano, sendo apenas condenável quando leva ao declínio moral. Fora desse objetivo, toda crença é respeitável, e deve o ser humano ser estimulado a buscar algo em que crer, o qual o leve ao crescimento espiritual. Não se devem impor convicções a ninguém, e sim se respeitar o direito e a liberdade do outro em pensar e crer de modo diferenciado.

O ser humano é dotado do livre-arbítrio, o qual lhe permite fazer escolhas que o levam ao crescimento espiritual. Tais escolhas podem lhe trazer como consequência expiações ou não, porém sempre o colocarão diante de provas inevitáveis. O livre-arbítrio é adquirido a partir do período em que o Espírito conquistou a razão. Na fase anterior, vivia sob o predomínio do determinismo, seguindo sem consciência de seu destino nem das aquisições que fazia na evolução.

Quanto maior a evolução de um espírito, mais livre ele é para fazer suas escolhas e realizar seu próprio destino, também mais responsável se torna pelas consequências de seus atos. Não há liberdade sem responsabilidade.

Não há fatalidade a não ser o progresso, pois até o determinismo é flexível ao bem e ao amor. As escolhas que o espírito fez numa encarnação serão determinantes para o grau de liberdade que venha gozar nas seguintes. Embora morrer seja uma ocorrência inevitável, a qual todo ser humano está sujeito, face às condições do corpo físico, o instante da morte, porém, não está fixado de forma inflexível. O espírito, de acordo com as provas que necessite passar, poderá ter esse momento adiado ou antecipado por circunstâncias que lhe escapem à vontade.

Só há “fatalidade” nos atos que são provocados por agentes externos ao ser humano, dos quais não participa seu livre-

arbítrio, nem o pode evitar. São contingências a que está sujeito, cuja vontade lhe é submissa.

As provas a que o ser humano está submetido visam lhe dar responsabilidade sobre suas ações, bem como desenvolver uma melhor noção de liberdade.

A idéia de que todos estamos sujeitos a um destino predestinado depõe contra a liberdade de escolha e transforma os seres humanos em máquinas, sem responsabilidade pelos seus atos, nem méritos pelos sucessos que venham conquistar. Embora sujeito às provas e expiações, estas decorrentes de escolhas anteriores, não perde o ser humano seu livre arbítrio, pois pode, às vezes, tanto recuar das provas quanto adiar expiações.

O Cristo foi o protótipo do ser humano livre, pois, não só não se submeteu a ninguém, como seus atos não provocaram qualquer prejuízo a si ou a outrem. Sua liberdade vinha da noção precisa das leis de Deus, bem como da consciência plena do significado do Bem, do Amor e da Paz.

A liberdade implica em respeito ao direito do outro, bem como na consciência das responsabilidades sobre as consequências dos próprios atos. O exercício da mensagem do evangelho de Cristo possibilita a que alcancemos a condição de espíritos com consciência plena da noção de igualdade, de liberdade, bem como da importância de se viver bem em sociedade. O conteúdo dessa mensagem está presente nas grandes religiões da humanidade, possibilitando a todos o alcance da felicidade.

17. Natureza, Conservação e Destruição - Ecologia

A natureza é o ambiente no qual o espírito exerce o aprendizado necessário à sua evolução. Preservar esse ambiente é fundamental ao progresso e à continuidade das gerações futuras. O ser humano não deve apenas cuidar do *meio* ambiente externo, mas também da outra metade do ambiente que é o interno. Melhorar a Terra como também seu mundo interior é imprescindível à sua evolução. São os dois mundos em que vive, dos quais o espiritual é parte inerente e inseparável.

Cabe ao ser humano, pelo seu grau de inteligência em relação aos outros seres vivos, transformar harmonicamente a natureza, buscando seu equilíbrio e sua manutenção. Ele é o senhor da natureza, pois é o único que pode alterá-la radicalmente.

A globalização inexorável na humanidade ampliou o alcance das ações humanas, possibilitando que se busque cada vez mais, formas de sustento e desenvolvimento coletivos. O ser humano domina a tecnologia nuclear, porém, dado seu atraso moral, utilizou-a também para ferir e conquistar. O uso da energia nuclear é um avanço e uma necessidade para a humanidade, em face à esgotabilidade dos recursos naturais disponíveis, porém deve ser utilizada para fins pacíficos. Manipulá-la exige cautela e cuidados especiais, pois é extremamente poderosa, podendo trazer preju-

ízos se mal utilizada. Seu uso deixa resíduos tóxicos de difícil eliminação, requerendo tecnologia especial para seu armazenamento.

A energia nuclear não só é prejudicial ao corpo humano e ao meio ambiente, mas também agressiva ao perispírito. Seu poder atinge a intimidade da matéria sutil do perispírito, alterando-lhe a vibração e provocando distúrbios perispirituais.

Imprescindível é, em função do aumento significativo da população mundial, conservarem-se os recursos energéticos, assim como otimizar os meios de produzi-los. A conservação é uma lei da natureza que, em vários de seus processos, demonstra sua necessidade e importância.

Da mesma forma que a conservação, a destruição, (leia-se transformação) é necessária para a própria evolução da vida. Velhas estruturas devem dar lugar a novas, para melhor atenderem às necessidades humanas. O aprimoramento tecnológico e humano faz parte da necessidade de destruição do velho e surgimento do novo. A vitalidade do novo é fundamental para a conservação e transformação do antigo. Na natureza, o que parece aos olhos do ser humano destruição, é na realidade um processo de transformação, pois nela tudo se encadeia. Cada coisa está conectada a outras num único ato de criação.

Do ponto de vista da reencarnação, deve-se ter a consciência de que nós mesmos herdaremos a Terra e a encontraremos com as conseqüências das atitudes que tomarmos em relação ao meio ambiente. Nos depararemos com uma sociedade justa ou injusta, equilibrada ou não, depredada ou estruturada, sempre de acordo com o que fizemos no passado. Portanto, o que estamos fazendo agora nos esperará lá adiante numa nova encarnação. Colheremos sempre o que plantarmos.

Aqueles que, hoje, defendem a natureza contra o próprio ser humano, seu principal predador, e a favor dele, são verdadeiros emissários para um mundo melhor. Preocupam-se com as gerações futuras e para que as condições do planeta possam permitir abrigar o enorme contingente populacional.

Muitos males que a humanidade atravessa decorrem da superpopulação, o qual ampliou o número de interações sociais, reduziu o espaço de ocupação e aumentou a competição. Também por esses motivos, aumentaram a violência, a cobiça, o egoísmo, a miséria, o analfabetismo, a fome, etc. Somos, em parte, reféns do “crescei e multiplicai-vos”, inconseqüentemente assumido pelas gerações passadas. Para equilibrar essa antiga crença, estamos incorporando à sociedade o planejamento familiar como forma de frear o aumento populacional e possibilitar melhores condições de vida. A superpopulação é um mal causador de outros tantos danos, agravados pelo êxodo rural que concentrou as comunidades nos grandes centros urbanos. Inchados pelos bolsões de miséria, os quais servem à proliferação de doenças, obsessões e reencarnações purgatoriais.

A produção de bens supérfluos e o estímulo ao consumo, frutos de sistemas políticos ultrapassados, calcados no egoísmo e no materialismo, geraram necessidades artificiais, das quais o ser humano não consegue se desvencilhar tão facilmente. Eliminar o consumo desvairado é um passo importante para a conscientização e fomento da mobilização coletiva, a fim de que se modifiquem hábitos perniciosos e contrários à natureza.

A matança predatória de animais, a destruição de florestas, a produção de materiais diluidores da camada de ozônio, a fabricação de produtos cancerígenos e disseminadores de doenças diversas, bem como outras formas de agressividade à natureza, são exemplos de como o ser humano se tornou o pior inimigo de si mesmo. Ao mesmo tempo, ele é o predador e o único capaz de salvá-la.

Os grandes grupos financeiros e as empresas capitalistas têm sido responsáveis pelo aumento crescente da destruição da natureza. Por detrás delas, estão a avareza e a vaidade humanas, as quais transformam o ser humano em lobo de si mesmo, conseqüentemente de seu próximo. Atuam de forma abusiva deixando um rastro de destruição quase irreparável, sem a mínima noção de respeito às gerações futuras.

A transformação da Terra de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração, só se dará quando o ser humano tiver a consciência da imortalidade da alma e da reencarnação. Isso o fará preocupar-se com as condições de sobrevivência na Terra.

Aqueles que se isolam da sociedade a pretexto de não pactuar com o sistema vigente, estão se omitindo de uma ação transformadora da situação e reagindo de forma semelhante a uma fuga da realidade. Isolar-se e mortificar-se, refugiando-se ou punindo-se, agrada ao próprio indivíduo, aumentando seu egoísmo e não solucionando o problema. Somos seres sociais e para a vida relacional fomos criados, cumprindo-nos ficar e transformar, não só com o exemplo, como também com a mobilização coletiva.

No passado, o ser humano acreditava que os recursos da natureza eram inesgotáveis, porém hoje ele percebe, face à globalização econômica e social, que está dentro de uma grande casa chamada Terra, cujos habitantes consomem mais do que produzem, ou do que ela tem capacidade de produzir. Brigávamos antigamente e ainda brigamos entre nós mesmos. Mas, é chegada a época de entendermos que o inimigo é outro que não o próprio semelhante, mas o orgulho e o egoísmo dentro de nós mesmos. Estamos num planeta limitado em sua capacidade de gerar condições para a grande massa de espíritos que reencarnam a todo o momento, por responsabilidade do ser humano.

Preservar o meio ambiente é dever e necessidade ao mesmo tempo. Encarnados e desencarnados estamos todos sujeitos a viver na natureza, cabendo-nos preservá-la a todo custo.

18. Família

A família é o núcleo básico da sociedade e onde reencarnam espíritos a fim de continuar seu processo de evolução. É nela onde se processam encontros de novos e antigos afetos e desafetos para o necessário crescimento espiritual.

A família é uma instituição cujo surgimento na sociedade significou um marco evolutivo, pois representa a possibilidade da fixação de vínculos afetivos e de aprendizagem do amor.

Cada espírito, ao reencarnar, tem um papel na família, não só importante para si como também para o grupo. No desempenho desse papel de extrema responsabilidade, ele terá oportunidade de apreender as leis de Deus. Saber conviver com os entes familiares não só é uma arte como uma atividade que faz crescer e evoluir aqueles que se saem bem.

Ao se constituir uma família, que se inicia geralmente na convivência a dois, costuma-se criar expectativas quanto ao desempenho do outro, cobrando-lhe atitudes que nem sempre são alcançadas, desgastando as relações. Viver a dois é desejar a felicidade do outro além da própria. Ela, a família, muitas vezes, inicia-se sem o necessário planejamento, onde seus membros, sem a devida experiência, vivem ao sabor das circunstâncias e das contingências da Vida. Para se obter o desejado crescimento espiritual na família, não se pode prescindir de um planejamento de como mantê-la, em que momento deve se ter um filho, dos diálogos que devem existir entre seus componentes, etc.

Por ser gerado por Deus como individualidade, constitui-se um aprendizado para o ser humano viver em família, na qual as lições básicas passam pela renúncia, pela paciência, pela compreensão, pela parcimônia, pelo respeito, pelo entendimento de que se está diante de uma grande oportunidade de evoluir com o grupo familiar.

É preciso aprender a ceder para conquistar, a dar para receber, a amar para ser amado, a entender as diferenças produzidas pelas sucessivas reencarnações, a não querer moldar o outro à sua maneira.

A família auxilia no direcionamento do espírito que se encontra perdido, sem limites, necessitando de orientação e acolhimento. É através da educação na infância que ele receberá o apoio aos seus projetos de renovação. Cabe aos pais o papel de encaminhar, estimular e orientar os filhos no sentido de reequilibrar as atitudes viciosas do passado, visando à harmonia no futuro. Ser por demais permissivo, tanto quanto ser excessivamente castrador, poderá produzir danos à encarnação do espírito.

Muitas vezes, nasce na família alguém com um problema de difícil solução, exigindo esforço dobrado dos demais, os quais, às vezes, ausentam-se do auxílio necessário. Geralmente, numa família não há um só doente, pois, quando alguém vem nessa circunstância, todos o são. Num certo sentido, foram co-responsáveis pelo problema que se apresenta à família.

O parente difícil, o parente excepcional, o parente desequilibrado, o problemático, é alguém que é colocado em nosso caminho para o crescimento mútuo e evolução do grupo. Esquivar-se da convivência e do auxílio mútuo, poderá significar adiamento da lição a ser aprendida.

Os membros de uma família são espíritos que renascem juntos por afinidades para juntos progredirem e por contingências expiatórias. Quando são espíritos afins, a harmonia vigora no lar. Quando são espíritos comprometidos entre si e com seu próprio passado, podem ocorrer novos desequilíbrios. É na família onde terão oportunidade de crescer e aprender o que não sabem.

Não é apenas a religião que tem o papel de educar o espírito para a compreensão das leis de Deus, pois a família não deve abdicar de sua responsabilidade de dar as primeiras noções de amor e equilíbrio, de paz e harmonia universal. A escola formal, assim como outras instituições sociais, têm aquele papel de proporcionar o aprendizado das leis de Deus. A escola não substitui a família, nem os pais devem transferir seu dever de educar e ensinar aos espíritos colocados sob sua guarda por Deus.

A verdadeira família é a universal, pois somos todos filhos de Deus, criaturas de um mesmo princípio gerador e mantenedor. Nascidos para aprender a amar, reunimo-nos em grupos, os quais, a cada encarnação, ampliam seus laços de fraternidade, construindo a verdadeira família espiritual. A evolução ocorre em grupos e inexoravelmente.

De tempos em tempos, grupos de espíritos, vinculados por fortes laços de afinidade, reencarnam em missão objetivando dar o exemplo de entendimento e de harmonia, criando e construindo em favor do progresso da humanidade. Nesses mesmos grupos, por vezes, são aceitos espíritos problemáticos, os quais, pelo carinho e pela capacidade de amar de seus pais, são reerguidos para continuarem sua evolução em circunstâncias melhores. Às vezes, esses pais missionários se sentem culpados pelos equívocos dos filhos, apelando a Deus pelos desatinos por eles cometidos. Esquecem que, cada espírito é responsável pelo que faz a si e a outrem.

A família é o organismo depurador dos conflitos do passado. É o ponto de chegada e partida da vida material para todos nós que desejamos evoluir. O espírito não consegue, entre quatro paredes, esconder-se de seus defeitos nem camuflar sua realidade. Ampliar os laços de fraternidade dentro e fora da família é garantia para novas encarnações entre espíritos que já se adiantaram na escala evolutiva.

Na família, o espírito tem oportunidade de aprender o amor sob diversos aspectos, principalmente no que diz respeito ao maternal e ao fraternal. Nessas duas modalidades de amor ele

percebe e sente a importância do sentimento para sua evolução.

Nem sempre a família se resume aos que possuem laços consangüíneos, pois ela também engloba outros espíritos encarnados, os quais a ela se unem por afinidade, como também os que auxiliam nas tarefas domésticas. Eles também são importantes para o equilíbrio familiar, com os quais exercitamos as mais simples regras de convivência.

A reencarnação e a imortalidade da alma ampliam os laços de família, pois libertam o espírito das relações conflitantes do passado, as quais o aprisionam. Os papéis em família se alternam a cada encarnação, sempre no intuito de fazer o espírito se aproximar do verdadeiro amor. A morte do corpo não desfaz os verdadeiros laços de amor entre os espíritos.

A família espiritual não se resume, necessariamente, aos habitantes de um planeta. O universo é plenamente habitado e os espíritos reencarnam em mundos diferentes visando o aprimoramento intelectual e moral. Os mundos formam grandes famílias que por sua vez compõem a imensa família de Deus.

Os verdadeiros pais são aqueles que nos dão as noções de amor e equilíbrio, o que nem sempre é feito pelos pais biológicos. Nosso pai e nossa mãe verdadeiros é Deus. A cada encarnação o espírito renasce, via de regra através de um pai e uma mãe diferentes, o que amplia seu amor ao próximo. Mesmo que gerado numa proveta, clonado ou numa barriga de aluguel, o espírito continuará sua jornada em busca da evolução, compreendendo que o verdadeiro pai ou a mãe é Deus, o Criador da Vida.

Amar os pais que favoreceram a existência física é dever de todo espírito, independente das circunstâncias em que nasceu ou como foi tratado por eles. Quem dá amor ao filho que não gerou, ou ao pai e à mãe que não lhe conceberam, ama duas vezes, pois transcende ao vínculo biológico. A gratidão aos pais, mesmo que seja apenas pelo corpo que eles deram ao espírito, é um dever fundamental, o qual demonstra elevação espiritual.

19. Energia sexual

A energia sexual é uma das modalidades de uso da energia psíquica, a qual move o ser humano para a vida. A energia psíquica impulsiona o Espírito para suas realizações criativas e para a evolução na direção do Criador. Ela não se restringe à prática do sexo, nem se situa numa parte específica do corpo. É a energia da vida como um todo. Pode se manifestar em vários níveis de uso de acordo com a evolução do espírito.

De acordo com o nível de evolução do espírito, ele usa a energia psíquica provinda de seu íntimo. Uns utilizam apenas para a procriação e o prazer genital, outros para as construções idealizadas, outros ainda para seu desenvolvimento intelectual, outros para suas obras artísticas, de tal forma que o campo de aplicação torna-se bastante amplo.

A natureza, pelo uso da energia sexual, deu ao ser humano a capacidade de construir seu desenvolvimento através da função de co-criar, isto é, de fornecer os elementos materiais para a continuidade de sua espécie. Isso possibilita a ele participar da obra divina contribuindo com a formação do corpo físico, o qual possui as condições para gerar outro corpo. Porém, um espírito não gera outro.

Para realizar a função co-criadora o ser humano utiliza a energia psíquica que, dentre outras finalidades, é utilizada com o objetivo de perpetuar a espécie. Essa modalidade é a energia

sexual geradora da vida física, que pode ser utilizada não só para as atividades sexuais de procriação, mas também para o prazer, com o qual se motivará para o uso.

O ser humano tem, ao longo de sua evolução, aprendido a manipular essa energia, cuja força realizadora lhe tem trazido grande aprendizado. Seu uso não está restrito ao corpo, já que é energia provinda do Espírito e se destina ao seu aperfeiçoamento intelectual e espiritual. Essa modalidade de energia psíquica, poderosa em si mesmo, em parte responsável pelas motivações humanas, deverá merecer melhor atenção dos pais e educadores, principalmente quando na forma sexual, ela se manifestar precocemente, pois o espírito já vem com seus traumas genésicos de outras encarnações. A educação sexual se impõe como algo necessário na infância, tendo em vista a proliferação das imagens apelativas ao tema. Pais e educadores devem se munir de informações de como lidar com a sexualidade, de forma a não estimulá-lo em idade precoce, nem se equivocar por atraso.

A iniciação à prática sexual deve ser orientada com cautela pelos pais, os quais podem auxiliar o espírito nos seus conflitos passados. É comum o pai estimular o filho homem à prática sexual prematuramente e proibir à filha quanto à mesma atitude. Muitas vezes, isso se dá pelo receio ao comportamento não masculino do filho, bem como ao tabu da virgindade da filha, ambos frutos da insegurança e incapacidade dele em lidar com essas questões. Nesse caso deve o pai, ou os pais, procurar orientação profissional.

Outra questão importante no que diz respeito ao uso da energia sexual é a homossexualidade, nem sempre compreendida adequadamente por pais e educadores. O Espírito, enquanto essência divina, não tem sexo e renasce em um corpo masculino ou feminino a fim de aperfeiçoar-se no uso de sua sexualidade de forma equilibrada. O Espiritismo vê aqueles que optam pelo homossexualismo com a mesma atenção e respeito com que trata os heterossexuais.

O aperfeiçoamento do espírito exige que a energia sexual seja suficientemente trabalhada pela educação, face à imensa gama de possibilidades de uso. Educação quanto a essa energia é fundamental, pois graças à proibição e ao tabu, bem como ao uso indiscriminado a que se permitiu, o ser humano desenvolveu em si uma série de problemas relacionados ao sexo.

O nível primário de evolução no qual o ser humano ainda vive, tornou o sexo objeto de consumo e uma finalidade em si. Conseqüentemente seu abuso tem gerado uma série imensa de conflitos e de perturbações que, via de regra, atravessam reencarnações.

Sexo é, portanto, uma modalidade da energia psíquica que também possibilita o ser humano desenvolver-se espiritualmente, quando utilizada adequadamente. Sua proibição gerou os abusos, num ciclo vicioso inconseqüente, obrigando a sociedade a promover a educação necessária para que o próprio ser humano conheça sua natureza essencial.

A energia sexual é responsável pela reencarnação dos espíritos em família, cuja transformação, ao longo da história, tem sido muito grande e intensa. Antes se tinham muitos filhos, hoje se percebe a necessidade de se limitar seu número, face aos desafios da convivência social, submetendo-se o casal ao planejamento da família, sem o que a vida se tornaria extremamente difícil. O planejamento familiar é a palavra de ordem, pois não só equilibra as relações familiares, evita os abortos, como proporciona uma melhor organização das reencarnações por parte dos interessados. A proliferação irresponsável de famílias com muitos filhos é um mal com o qual ainda convivemos, gerando, às vezes, a paternidade irresponsável.

Embora o casamento tenha representado, durante muito tempo, a garantia da sexualidade equilibrada, revelou-se, porém, impotente para educá-la no ser humano. Quando falta o amor ela se transforma num instrumento de prisão, exigindo mudanças na relação. Hoje, graças ao divórcio, resolveu-se o problema das

uniões equivocadas do passado, nas quais imperavam as conveniências. Embora se deva buscar o mais possível a convivência harmônica no casamento, pode-se chegar a situações em que o melhor é a separação, a bem da encarnação dos envolvidos. Mesmo à custa de sofrimentos deve-se pensar se o melhor não seria separar-se, afim de não agravar situações ou criar carmas futuros. A separação também se torna necessária nos casos de violência ou tentativa de homicídio.

Algumas religiões acreditam que o sexo é impuro, pecaminoso, sujo, etc., fruto de uma visão equivocada sobre a natureza da energia sexual. Em decorrência dessa visão errônea, passou-se a considerar o celibato como um estado que indicava “purificação”. Esse conceito provocou graves conflitos na humanidade, pois a energia sexual não utilizada nesse campo foi desviada para a violência, gerando traumas individuais e guerras coletivas.

A ciência médica hoje dispõe de métodos contraceptivos a fim de, não só planejar a família, como também viver a sexualidade sem culpas e medos. Afastando-se do infanticídio e do aborto, o ser humano criou métodos contraceptivos, tais como: o anticoncepcional, a camisinha, a tabela, etc., até que um dia chegue o tempo em que, sem artificialismos, a relação sexual não gere filho ou não seja necessária. Nesse movimento ele vem educando gradativamente seu impulso sexual.

Esse impulso não educado tem sido responsável pela poligamia, a qual tem diminuído consideravelmente, embora ainda existam culturas que a adotem, e, pelo aborto que, mesmo tendo aumentado sua incidência entre adolescentes, vem sendo objeto de preocupação da sociedade. O impulso sexual descontrolado tem gerado paixões avassaladoras, não raro resvalando para o crime e a destruição de lares sem conta.

A proliferação das doenças sexualmente transmissíveis é fruto da deseducação do ser humano em relação à energia sexual, demonstrando o quanto infantil e frágil ele ainda é quanto à sua força. Seu amadurecimento vem com a percepção do sexo como

modalidade da energia criadora, a qual pode ser utilizada como impulsionadora das construções afetivas do Espírito.

O Espiritismo coloca o sexo como algo importante e a educação de seu uso será capaz de levar o ser humano ao equilíbrio, se utilizado de forma respeitosa e consciente. O ser humano não foi feito para o sexo, nem ele representa sua única fonte de prazer.

Em matéria de sexo não se deve proibir nem abusar, mas buscar-se o uso responsável.

20. Uma sociedade espírita e uma instituição espírita

Uma sociedade onde vigorem os princípios espíritas, necessariamente será regida pelo amor e pela caridade, os quais deverão ser os sentimentos e atitudes característicos de seus indivíduos. O Bem sempre prevalecerá, a felicidade e a paz representarão aquisições importantes para seu progresso espiritual.

Muito embora não se alcance na Terra a felicidade plena, ela deve ser almejada mesmo que de forma relativa. Não se deve pensar que os princípios espíritas devem ser úteis apenas para uma vida melhor além deste mundo terreno. Eles só terão validade real se puderem ser testados, vividos e seus resultados percebidos no mundo material, pois que, não há sentido em difundir-los agora, para vivê-los além.

O comportamento do ser humano que almeja a felicidade e que já incorporou os princípios espíritas nas relações com seu semelhante, deverá ser o mesmo que gostaria que os outros tivessem com ele. O outro, seu irmão, merecerá todo o respeito, e sua felicidade será tão importante quanto a própria. Não haverá sentido em ser feliz onde ainda houver infelicidade. Todos, por esse motivo, trabalharão pela felicidade pessoal e coletiva.

Quem quiser crescer deverá desejar e realizar a felicidade pessoal e a de seu semelhante. O bem estar do próximo será tão

importante quanto o pessoal, considerando a máxima *amar o próximo como a si mesmo*. Por esse motivo, a vida na Terra se constitui em constante aprendizado em busca do crescimento intelectual e moral. Esse crescimento, portanto, não prescinde da aquisição de sentimentos nobres e do conhecimento das leis de Deus.

A não-violência e a paz são estados de espírito desejáveis aos indivíduos, na medida que os elevam acima das contingências materiais, não lhes permitindo ausentar-se do mundo, nem lhes sofrer as influências que os atrasam evolutivamente. Esse estado de espírito conduz os seres humanos ao equilíbrio e à harmonia na Terra, pois estabelece entre eles uma relação de igualdade e fraternidade.

Ser feliz ou infeliz são estados relativos aos espíritos na Terra. Aquele que aplica o amor ao próximo como a si mesmo e estabelece uma relação de confiança com Deus, consegue sentir-se feliz onde e com quem estiver. O reino dos céus pregado pelo Cristo pode ser alcançado a partir da vida na Terra. Ele deve começar a ser construído desde a vida na matéria.

O conhecimento de si mesmo, a descoberta das próprias potencialidades, a transformação interior e a busca da iluminação pessoal levarão o ser humano à construção de um mundo melhor, no qual vigorem os princípios cristãos. Os vícios darão lugar às virtudes, o egoísmo dará lugar à caridade, as paixões serão substituídas pelo amor legítimo e o ser humano se tornará efetivamente irmão de seu irmão.

É nessa sociedade que a paz consigo mesmo, a paz com o próximo e a paz com a Vida serão estados de espírito alcançáveis quando o ser humano tiver feito sua reforma íntima. Na medida que ele se transforma deverá promover uma reforma nas instituições sociais que atrasam sua vida material. Outra reforma a ser feita é no sistema educacional, cujo currículo não educa especialmente para o espírito, mas para a vida na matéria. A transformação moral da humanidade se dará na medida que o próprio ser

humano mude a si mesmo, fazendo o caminho de volta para dentro, para seu mundo interior, realizando-o externamente.

O Centro Espírita torna-se então importante núcleo educativo por proporcionar uma visão ampla da Doutrina Espírita ao ser humano, a fim de que ele busque seu aprimoramento espiritual. É nele que as lições de amor e caridade também deverão ser vivenciadas em sua plenitude, como exemplo àqueles que ali vão buscar orientação, consolo, cura e ao encontro consigo mesmo e com Deus.

Allan Kardec possuía uma visão sistêmica a respeito do Espiritismo, bem como da sociedade em mudança. Estabeleceu princípios para a formação de instituições espíritas, os quais deveriam torná-las flexíveis a essas mudanças sociais e de acordo com conveniências de seus associados. Sua seriedade e determinação foram responsáveis pela estatura do Espiritismo. A produtividade de seu trabalho, atestada na quantidade e qualidade de publicações, é exemplo de seu denodo e capacidade intelectual. Com uma visão progressista e evolutiva, estabeleceu que se o Espiritismo estivesse equivocado em algum ponto, neste ele se modificaria.

Como qualquer outra corporação humana, o Centro Espírita ou qualquer que seja a denominação do grupo que se propõe a divulgar o Espiritismo codificado por Allan Kardec, está sujeito às interferências inerentes à convivência de pessoas. Suas ações, por mais que sejam protegidas espiritualmente, sofrem interferências de fatores psicossociais nem sempre percebidos.

O conjunto das instituições espíritas e seus trabalhadores formam o que se chama de Movimento Espírita, o qual se apresenta num mosaico muito rico ainda distante da unidade desejada. Essa riqueza é resultante da diversidade da natureza psicológica de seus fundadores e dirigentes. O mosaico é reflexo dessa rica multiplicidade de espíritos que lhe constituem, tanto encarnados quanto desencarnados.

Muitas foram as tentativas de unificação como também de

uniformização de ações. A unificação, que deve ser entendida como unidade da Doutrina, deverá se dar na aceitação dos mesmos princípios espíritas, sem a exclusão de qualquer deles. As ações deverão ser variadas e distintas, de acordo com os propósitos e estratégias daqueles que as dirigem. Os objetivos gerais deverão ser os estabelecidos nos princípios básicos do Espiritismo codificado por Allan Kardec, porém os específicos deverão variar de acordo com as motivações e qualificações daqueles que fazem parte da instituição. A unidade é uma questão que diz respeito aos princípios doutrinários, sem, contudo, necessariamente tornar-se a uniformização de métodos ou obrigações dogmáticas.

Enquanto as instituições se modificam, a doutrina espírita ou o Espiritismo é imperecível porque repousa nas leis da natureza. *Anda no ar*, como bem disse Allan Kardec, e seus princípios são disseminados de forma natural pelo próprio progresso social.

Vivemos numa sociedade que sobrevive à base de trocas. Trocas materiais e trocas psíquicas. O ser humano só faz algo visando o bem estar próprio ou de outrem. No primeiro caso a compensação é óbvia e direta. No segundo caso, ela é indireta por almejar algo que redundará num bem estar coletivo no qual ele se insere. No Espiritismo, o sistema não é de trocas, pois vigora o princípio do desenvolvimento pessoal através de ações desinteressadas.

Estruturar uma instituição espírita sem lhe prover dos meios de se manter e sem um planejamento estratégico de consecução de recursos, pode trazer prejuízos aos objetivos a que se propõe. Obviamente que essa preocupação não deve significar uma transformação em atividade fim. Preferencialmente a forma de se buscar recursos deve possibilitar também a divulgação da mensagem. Como forma de buscar recursos são aconselháveis: a) venda, distribuição e edição de livros; b) círculo do livro com cobrança bancária; c) exploração de cantina; d) arrendamento de salas comerciais em prédio comprado ou construído pela instituição, que funcione fora de suas instalações e com administra-

ção profissional própria; e) exploração de atividade comercial que não fira os princípios espíritas e que respeite o ser humano, a vida e a natureza; f) mensalidade (contribuição financeira dos associados).

Uma instituição espírita que tenha, portanto, o objetivo de executar ações de acordo com os princípios estabelecidos por Allan Kardec, deve desenvolver trabalhos voltados para: a) divulgação dos princípios espíritas; b) estudos espíritas com ou sem a participação direta de desencarnados; c) esclarecimento a entidades desencarnadas; d) desenvolvimento das pessoas que trabalham na instituição visando sua autotransformação e iluminação espiritual; e) consecução de recursos para manutenção e custeio de suas atividades fim.

Glossário

Alma. O conceito de alma no espiritismo é restrito e aplicável quando se quer designar algo essencial e mais profundo. Não se confunde com o conceito de Espírito ou de espírito. Espírito é a individualidade essencial e espírito é o ser humano encarnado ou desencarnado, dotado de perispírito.

Centro Espírita. É a organização civil, de direito privado, que estuda e divulga o espiritismo, cujos postulados básicos se encontram nas obras de Allan Kardec.

Cirurgia espiritual. É aquela que é executada por espíritos desencarnados, com ou sem ajuda de médiuns. Geralmente ocorre sem a utilização de instrumentos cirúrgicos materiais. Não são invasivas nem provocam sangramento ou exigem internamento.

Desobsessão. É a técnica utilizada por espíritos encarnados e desencarnados que objetiva a cura de obsessões. Através dela, os obsidiados são convidados a tomarem passes, a orarem a Deus em seu favor, a estudarem o espiritismo e freqüentar alguma reunião de esclarecimento num Centro Espírita. Os que se colocam como obsessores são convidados a perdoar sua vítima e a seguir seu caminho permitindo que outro siga em paz.

Energia. A palavra tem vários usos, os quais geralmente trazem algum tipo de confusão. É comum dizer-se que Espírito é energia, o que é um equívoco, pois energia é matéria e espírito

não é matéria. Seu sentido está ligado a fluidos. Energia é matéria numa forma factível de transformar-se em movimento.

Espiritualidade. Designa tudo que proporciona elevação espiritual, subjetividade, bondade, amorosidade e integração com Deus. Às vezes, a palavra é utilizada para designar o conjunto de espíritos desencarnados que se ocupam em fazer o bem.

Federação Espírita. Instituição que congrega vários Centros Espíritas com o intuito de fomentar atividades ligadas ao Espiritismo e sua unificação.

Fluido Universal. Elemento que permeia a constituição do Universo. Sua densidade varia desde a energia mais sutil que constitui o perispírito até a matéria bruta mais densa. Os fluidos que se transferem de uma pessoa a outra no passe, com a contribuição de espíritos desencarnados, derivam dele.

Guias. São espíritos que orientam os médiuns em suas atividades ligadas ao uso de sua mediunidade. Geralmente são espíritos bons.

Incorporação. É o mesmo que psicofonia, faculdade pela qual o médium expressa verbalmente o pensamento de um espírito. O termo incorporação é de uso comum, muito embora inadequado, pois um espírito não entra no corpo da pessoa.

Jesus. Guia e modelo do ser humano, cuja moral e ensinamento são adotados pelo Espiritismo.

Mediunismo. É o uso da mediunidade sem os cuidados recomendados pelo Espiritismo ou sem o compromisso de adotar seus princípios. É também toda prática que envolve o contato com os espíritos desencarnados.

Mentores. Grupo de espíritos desencarnados que supervisionam atividades nos Centros Espíritas. São especialistas em gerenciar atividades espíritas visando o bem coletivo.

Mundo espiritual. Sociedade constituída pelos espíritos desencarnados. O mesmo que Erraticidade. Dela os espíritos vêm antes de reencarnar e para ela retornam após a morte do corpo físico.

Obsessão. Domínio que um espírito tenta obter sobre outro com o intuito de prejudicá-lo. Embora possa ocorrer entre encarnados, o termo é mais utilizado quando a ação ocorre de um desencarnado para um encarnado.

Passe. Ação de transferir fluidos para outra pessoa com o intuito de ajudá-la física e perispiritualmente. Para sua aplicação concorrem os espíritos bons, os quais adicionam seus fluidos aos daqueles que executam o passe.

Perispírito. É o invólucro do Espírito enquanto este não alcançou a condição de espírito puro. Sua constituição semi-material permite a ligação do Espírito à matéria. Nele se encontram guardadas as experiências reencarnatórias.

Reforma íntima. Processo de transformação interior, o qual torna o ser humano mais paciente, mais tolerante, mais apto a enfrentar os desafios da vida, mais amoroso e mais evoluído espiritualmente. É o mesmo que auto-transformação.

Sessão espírita. Reunião de pessoas que se dedicam ao estudo e a prática do espiritismo. É o mesmo que reunião espírita. É usual denominar-se as reuniões, nas quais ocorrem fenômenos mediúnicos (reunião mediúnica).

Sintonia. Processo no qual se interligam, pelo pensamento e pelas emoções, espíritos que estejam numa mesma vibração. Conexão entre iguais que se encontram tendo os mesmos desejos e sentimentos.

Umbanda. Religião de afrodescendentes que também admite a existência e comunicabilidade dos espíritos desencarnados.

Umbra. Região não delimitada no mundo espiritual em que se situam transitoriamente espíritos desencarnados em situação de sofrimento ou de desequilíbrio emocional.

Vampirização. Processo de obsessão no qual espíritos desencarnados prejudicam encarnados a ponto de lhes sugarem energias vitais, promovendo transtornos psíquicos e doenças no corpo físico.

Vibração. Estado psíquico característico de cada espírito encarnado ou desencarnado.

Vida e vida. Vida com V maiúsculo significa a totalidade, a Natureza, o destino, os processos nos quais todos estamos inseridos, isto é, as respostas de Deus ao humano. Vida com v minúsculo significa a vida no corpo físico e seus processos, a existência pessoal.

Bibliografia

AULA 1 – O que é o Espiritismo

- IMBASSAHY, Carlos, *Religião*, 3ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Céu e o Inferno*, 25ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *A Gênese*, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Que é o Espiritismo*, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Obras Póstumas*, 16ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- MARIAS, Julian, *História da Filosofia*, 8ª edição, 1959, Ed. Souza & Almeida, Porto-Portugal;
- NOGARE, Pedro D., *Humanismos e Anti-Humanismos*, 9ª edição, 1985, Ed. Vozes, Petrópolis-RJ;
- PIRES, José H., *O Espírito e o Tempo*, 2ª edição, 1977, Ed. EDICEL, São Paulo-SP;
- *Ciência Espírita*, 2ª edição, 1981, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;
- *Introdução à Filosofia Espírita*, 1983, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;
- WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco, *Allan Kardec - Metódica Pesquisa Biobibliográfica*, Vol. I, II e III, 1979, Rio de Janeiro-RJ;
- XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *A Caminho da Luz*, 10ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 2 – Deus

AMORIM, Deolindo, *O Espiritismo e os Problemas Humanos*, Cap. VII, 2ª edição, 1984, Edicel, São Paulo-SP.

——— *Encontro com a Cultura Espírita*, Pag 11.

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Cap. 7, 1ª parte, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Grande Enigma*, 1ª parte, Cap. IV, V e VI, 5ª edição, 1965, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, Cap. 1, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Perg. 1 a 36 e 614 a 648, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. 19 e 27, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *A Gênese*, Cap. II e III, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PIRES, José H., *O Espírito e o Tempo*, 1ª Parte, Cap. II, 2ª edição, 1977, Ed. Edicel, São Paulo-SP;

——— *Concepção Existencial de Deus*, 1981, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;

UBALDI, Pietro, *A Nova Civilização do 3º Milênio*, Cap. X, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

——— *A Lei de Deus*, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e ANDRÉ LUIZ (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. I, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 3 – Espíritos

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Cap. XXI e XXIII, 3ª parte, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *No Invisível*, Cap. III, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P., e ÂNGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. II, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *A Gênese*, Cap. XI e XIV, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Que é o Espiritismo*, Cap. II, item 7, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

- *Obras Póstumas*, 16ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
MOODY Jr., Raymond, *Vida Depois da Vida*, 11ª edição, 1986, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;
WEIL, Pierre, *Fronteiras da Evolução e da Morte*, 2ª edição, 1983, Petrópolis-RJ;
XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, Cap. 2, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
——— *Entre a Terra e o Céu*, Cap. 20, 7ª edição 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 4 – Evolução

- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 1ª parte, Cap. II e IV e Cap. XI da 2ª parte, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
——— *A Gênese*, Cap. VI e XII, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;
MOURÃO, Ronaldo R., *Da Terra às Galáxias - Uma Introdução a Astrofísica*, 3ª edição, 1982, Vozes, Petrópolis-RJ;
UBALDI, Pietro, *A Grande Síntese*, 11ª edição, 1979, LAKE, São Paulo-SP;
——— *O Sistema*, 2ª edição, 1984, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;
XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 9, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
——— *Religião dos Espíritos*, 3ª edição, 1974, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
——— *A Caminho da Luz*, 10ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
——— e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. I, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
——— e DEUS, Maria J. de (Espírito), *Cartas de Uma Morta*, 8ª edição, 1981, LAKE, São Paulo-SP.

AULA 5 – Libertação do Espírito

- BLACKMORE, Susan J., *Experiências Fora do Corpo*, 2ª edição, 1988, Pensamento, São Paulo-SP;
DENIS, Leon, *No Invisível*, 2ª Parte, Cap. XII e XIII, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
FRANCO, Divaldo P. e ÂNGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

- *No Limiar do Infinito*, Cap. 8, 1977, LEAL, Salvador-BA;
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. III, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *A Gênese*, Cap. XIV, item 22 a 30, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Céu e o Inferno*, Cap. II, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- MOODY Jr., Raymond, *Vida Depois da Vida*, 11ª edição, 1986, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;
- *Reflexões Sobre Vida Depois da Vida*, 3ª edição, 1986, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;
- PIRES, J. H., *Educação Para a Morte*, 1984, Correio Fraternal do ABC, São Paulo-SP;
- RITCHIE, George G. e SHERRILL, Elisabeth, *Voltar do Amanhã*, 1980, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;
- XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Nosso Lar*, Cap. 30, 4ª edição, 1949, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Os Mensageiros*, Cap. 38 e 50, 15ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- *No Mundo Maior*, Cap. VI, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- *Missionários da Luz*, Cap. 8, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- *Obreiros da Vida Eterna*, Cap. XIII, XIV e XV, 9ª edição, 1975, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- *Nos Domínios da Mediunidade*, Cap. XI, 10ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- e EMMANUEL (Espírito), *O Consolador*, 1ª parte, Cap. 40, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- SIMONETT, Richard, *Quem Tem Medo da Morte?*, 8ª edição, Gráfica São João, 1989, Bauru-SP.

AULA 6 – Reencarnação e Ciência

- ANDRADE, Hernani G., *Morte, Renascimento e Evolução*, Pensamento, São Paulo-SP;
- *Reencarnação no Brasil*, 1988, Casa Editora O Clarim, Matão-SP;
- ANDRÉA, Jorge, *Palingênese, A Grande Lei*, 1975, Caminho de Libertação, Rio de Janeiro-RJ;

- BANERJEE, H. N., *Vida Pretérita e Futura*, 1983, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;
- DAVID-NEEL, ALEXANDRA, *Reencarnação e Imortalidade*, 1989, Ibrasa, São Paulo-SP.
- DELANNE, Gabriel, *A Reencarnação*, 5ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Parte quarta, Cap. XLI, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, Cap. XIII e XVII, 11ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *No Limiar do Infinito*, Cap. 4 e 5, 1977, LEAL, Salvador-BA;
- GRANT, Joan e KELSEY, Denis, *Nossas Vidas Anteriores*, 1967, Distribuidora Record, Rio de Janeiro-RJ.
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IV, V, VI e VII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Céu e o Inferno*, Cap. III e IX, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- Miranda, Herminio C., *Reencarnação e Imortalidade*, Cap. 2 e 21, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- NOVAES, Adenauer, *Reencarnação: processo educativo*, 1995, Fundação Lar Harmonia, Salvador-BA;
- STEVENSON, Ian, *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, 1971, Edicel, São Paulo-SP;
- *Child Development and Reincarnation*, (Desenvolvimento Infantil e Reencarnação), Boletim da American Society for Psychical Research (ASPR), Vol III, Number 4, 1977, New York-NY;
- TENDAM, Hans, *Panorama sobre a Reencarnação*, Vol. 1 e 2, Summus Editorial, 1993, São Paulo-SP.
- WAMBACH, Helen, *Recordando Vidas Passadas*, Pensamento, São Paulo-SP;
- *Vida Antes da Vida*, 1988, Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro-RJ;
- XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Missionários da Luz*, Cap. 13, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Entre a Terra e o Céu*, Cap. XXVII, XXVIII, XXIX e XXX, 7ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. XIX e 2ª parte Cap. XIII, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 7 – Reencarnação como processo educativo

ANDRADE, Jaime, *Espiritismo e as Igrejas Reformadas*, 1983, Lar de Jesus, Conchas-SP;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *No Limiar do Infinito*, Cap. 4 e 5, 1977, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IV, V, VI e VII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Céu e o Inferno*, Cap. III e IX, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MIRANDA, Hermínio C., *Reencarnação e Imortalidade*, Cap. 21, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

NOVAES, Adenáuer, *Reencarnação: processo educativo*, 1995, Fundação Lar Harmonia, Salvador-BA;

XAVIER, Francisco C. e PIRES, Cornélio (Espírito), *Coisas Deste Mundo*, 1977, Clarim, Matão-SP.

AULA 8 – Processamento da Reencarnação

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IV, V, VI e VII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

NOVAES, Adenáuer, *Reencarnação: processo educativo*, 1995, Fundação Lar Harmonia, Salvador-BA;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Missionários da Luz*, Cap. 13, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. XIX e 2ª parte Cap. XIII, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Entre a Terra e o Céu*, Cap. XXVII, XXVIII, XXIX e XXX, 7ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 9 – Vida espiritual

CUNHA, Heigorina, *Cidade no além*, 3ª edição, 1983, IDE, São Paulo-SP;

GONÇALVES, Otilia, *Além da Morte*, 3ª edição, Livraria Alvorada Editora, Salvador, BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. I, III e X, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Nosso Lar*, 4ª edição, 1949, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Obreiros da Vida Eterna*, Prefácio da 9ª edição, 1975, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

——— *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 10 - Mediunidade

Apostilas do COEM, Centro Espírita Luz Eterna, 1978, Curitiba-PR;
ARMOND. Edgard, *Mediunidade*, 14ª edição, 1973, LAKE, São Paulo-SP;

BACCELLI, Carlos e FERNANDES, Odilon (Espírito), *Mediunidade e Evangelho*, 1993, IDE, Araras-SP;

DENIS, Leon, *No Invisível*, 1ª parte, Cap. IV, V e VI, 2ª parte, Cap. XII a XXI e 3ª parte, Cap. XXII a XXVI, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, Cap. 18, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. X, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

NOVAES, Adenáuer, *Psicologia e Mediunidade*, 1ª edição, 2003, Fundação Lar Harmonia, Salvador-Ba;

PEREIRA, Yvonne e DENIS, Leon (Espírito), *Devassando o Invisível*, Cap. VIII, 14ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PIRES, José H., *Mediunidade*, 1ª Parte, Cap. II, 2ª edição, 1977, Ed. Edicel, São Paulo-SP;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Nos Domínios da Mediunidade*, 10ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Mecanismos da Mediunidade*, 4ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 27, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 11 – Médiuns

Apostilas do COEM, Centro Espírita Luz Eterna, 1978, Curitiba-PR;

DENIS, Leon, *No Invisível*, 1ª parte, Cap. IV, V, X e 3ª parte, Cap. XXVI, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

- FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, Cap. 18, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- e CARVALHO, Vianna (Espírito), *Médiuns e Mediunidades*, 2ª edição, 1991, Arte e Cultura, Niterói-RJ;
- e CLEÓFAS, João (Espírito), *Intercâmbio Mediúnico*, 1986, LEAL, Salvador-BA;
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IX, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- PEREIRA, Yvonne e DENIS, Leon (Espírito), *Devassando o Invisível*, Cap. VIII, 14ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- PERALVA, Martins, *Estudando a Mediunidade*, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- PIRES, José H., *Mediunidade*, 1ª Parte, Cap. II, 2ª edição, 1977, Ed. Edicel, São Paulo-SP;
- XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Missionários da Luz*, Cap. 3, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- *Nos Domínios da Mediunidade*, 10ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- *Mecanismos da Mediunidade*, 4ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ.
- e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 27, 28 e 36, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Seara dos Médiuns*, 2ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 12 – Obsessão

- FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, Cap. 19, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- e MIRANDA, Manoel P. (Espírito), *Nas Fronteiras da Loucura*, 1982, LEAL, Salvador-BA;
- *Nos Bastidores da Obsessão*, 2ª edição, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Painéis da Obsessão*, 1983, LEAL, Salvador-BA;
- e CLEÓFAS, João (Espírito), *Intercâmbio Mediúnico*, Cap. 14, 1990, LEAL, Salvador-BA;
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª Parte, Cap. IX, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

- *O Livro dos Médiuns*, Cap. XXIII, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *A Gênese*, Cap. XIV, item 45 a 49, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- MIRANDA, Hermínio C., *Diálogo com as Sombras*, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Histórias que os Espíritos Contaram*, 1980, LEAL, Salvador-BA;
- XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Missionários da Luz*, Cap. 3, 4 e 5, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Libertação*, 5ª edição, 1971, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 28, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Seara dos Médiuns*, 2ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 13 – Desobsessão

- Apostilas do COEM*, Centro Espírita Luz Eterna, 1978, Paraná-PR;
- FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- e MIRANDA, Manoel P. (Espírito), *Nas Fronteiras da Loucura*, 1982, LEAL, Salvador-BA;
- *Nos Bastidores da Obsessão*, 2ª edição, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Painéis da Obsessão*, 1983, LEAL, Salvador-BA;
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IX, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- MIRANDA, Hermínio C., *Diálogo com as Sombras*, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Histórias que os Espíritos Contaram*, 1980, LEAL, Salvador-BA;
- SCHUBERT, Suely C., *Obsessão e Desobsessão*, 2ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Desobsessão*, 4ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 14 – As leis de Deus

- CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Cap. 2 e 9, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, Cap. 10, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, Cap. I e II, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

RIZZINI, Carlos T., *Evolução Para o 3º Milênio*, Cap. 4, 1981, LAKE, São Paulo-SP;

UBALDI, Pietro, *A Lei de Deus*, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Pensamentos*, Vol. I e II, 1971, Ed. Monismo, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Técnica Funcional da Lei de Deus*, 2ª edição, 1984, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

WEIL, Pierre, *A Neurose do Paraíso Perdido*, 1987, Espaço e Tempo Ltda, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 15 – Trabalho e Progresso

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *Socialismo e Espiritismo*, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Cap. III e VIII, 3ª parte, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARIOTTI, Humberto, *Parapsicologia e Materialismo Histórico*, 2ª edição, 1983, EDICEL, São Paulo-SP;

UBALDI, Pietro, *A Grande Síntese*, Cap. LXXIX, 11ª edição, 1979, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 17, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Consolador*, Pag. 135, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 16 – Liberdade e Igualdade na Sociedade

- AMORIM, Deolindo, *O Espiritismo e os Problemas Humanos*, 1985, USE Editora, São Paulo-SP;
- CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- DENIS, Leon, *No Invisível*, 1ª Parte, Cap. VII, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Socialismo e Espiritismo*, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, Cap. 24, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, Cap. VII, IX e X, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- MARIOTTI, Humberto, *Parapsicologia e Materialismo Histórico*, 2ª edição, 1983, EDICEL, São Paulo-SP;
- PIRES, José H., *Introdução à Filosofia Espírita*, 1983, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;
- UBALDI, Pietro, *Pensamentos*, Cap. IX, 1ª parte, 1971, Ed. Monismo, Rio de Janeiro-RJ;
- XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *O Consolador*, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 17 – Natureza, conservação e destruição – Ecologia

- CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Leis Morais da Vida*, Cap. V e VI, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;
- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Cap. V e VI, 3ª parte, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;
- MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;
- UBALDI, Pietro, *A Lei de Deus*, Cap. VII, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;
- *Pensamentos*, Vol. I, Cap. VI, 1971, Ed. Monismo, Rio de Janeiro-RJ;
- *A Grande Síntese*, 11ª edição, 1979, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;
- XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Nosso Lar*, Cap. 24, 4ª edição, 1949, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Os Mensageiros*, Cap. 18, 15ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 18 – Família

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, Cap. 24, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Leis Morais da Vida*, Cap. IV, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Perg. 203 a 217 e 3ª parte, Perg. 773 a 775 e 890 e 892, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;

NOVAES, Adenáuer, *Evangelho e Família*, 1ª edição, 2002, Fundação Lar Harmonia, Salvador-Ba;

RÉGIS, Jacy, *Amor, Casamento e Família*, 9ª edição, 1989, LICESPE, Santos-SP;

VIEIRA, Waldo, e LUIZ, André (Espírito), *Conduta Espírita*, Cap. 5, 5ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C., e EMMANUEL (Espírito), *O Consolador*, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

——— *Vida e Sexo*, Cap. 2, 6ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 19 – Energia sexual

ANDRÉA, Jorge, *Forças Sexuais da Alma*, Cap. IV, 2ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritos*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *No Limiar do Infinito*, Cap. 9, 1977, LEAL, Salvador-BA;

——— *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Perg. 200 a 202 e 344 a 360 e 3ª parte, Cap. IV, Perg. 686 a 701, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

RÉGIS, Jacy, *Comportamento Espírita*, Cap. 4, 3ª edição, 1986, DICESPE, Santos-SP;

XAVIER, Francisco C., e EMMANUEL (Espírito), *Dos Hippies aos Problemas do Mundo*, Cap. 15, 23 e 25, 4ª edição, 1982, FEESP, São Paulo-SP;

——— *Chico Xavier em Goiânia*, Perg. 12, 27 e 28, 1978, GEEM, São Bernardo do Campo-SP;

——— *Vida e Sexo*, 6ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Ação e Reação*, Cap. 15, 4ª edição, 1972, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *Evolução em Dois Mundos*, Cap. 18, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

——— *Missionários da Luz*, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

——— *No Mundo Maior*, Cap. 11, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

——— *Sexo e Destino* 4ª edição, 1972, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 20 – Uma sociedade espírita e uma instituição espírita

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Parte Quinta, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, Cap. XI e XII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

——— *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PIRES, Herculano, *O Reino*, 4ª edição, 1967, EDICEL, São Paulo-SP;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Os Mensageiros*, Cap. 39, 15ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

Contra capa

O Espiritismo é luz na alma para o crescimento da humanidade. Representa a aquisição de um novo paradigma na evolução espiritual da Terra. Seu avanço como conhecimento possibilitará que se instale o Reino de Deus tão bem pregado e vivido pelo Cristo. Sua luz e o eco de sua mensagem consoladora reverbera nos corações humanos desde os tempos de Allan Kardec, emissário da Verdade. Começar a estudar-lhe os princípios, bem como a vivenciar sua força motivadora é dever de todos nós. Durante séculos o ser humano viveu no obscurantismo, carente de renovação e esperança, até que as luzes do Consolador o fizeram encontrar o verdadeiro endereço da felicidade.

Orelha esquerda

Adenáuer Novaes é Engenheiro, cursou Filosofia na Universidade Católica de Salvador e Psicologia na Universidade Federal da Bahia. É autor dos livros:

Reencarnação: processo educativo,

Amor Sempre,

Sonhos: mensagens da alma

Psicologia do Evangelho

Psicologia do Espírito

Felicidade sem Culpa

Psicologia e Mediunidade

Evangelho e Família

Psicologia e Espiritualidade

Orelha direita

“Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências.” *Allan Kardec.*